

A formação docente:

um estudo avaliativo do
programa da disciplina Libras

Conceição Costa Leite Batalha

A formação docente:

um estudo avaliativo do
programa da disciplina Libras

Conceição Costa Leite Batalha

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva da autora, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos a autora, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A formação docente: um estudo avaliativo do programa da disciplina libras

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: A autora
Autora: Conceição Costa Leite Batalha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B328 Batalha, Conceição Costa Leite
A formação docente: um estudo avaliativo do programa da disciplina libras / Conceição Costa Leite Batalha. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-718-2
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.182212112>

1. Surdos - Educação. 2. Surdez. 3. Educação inclusiva. I. Batalha, Conceição Costa Leite. II. Título.
CDD 371.9

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



AGRADECIMENTOS

A Deus, quem a mim permitiu o milagre da vida.

À minha família, exemplo maior de compreensão, carinho e apoio diários a mim.

A todos os surdos que continuam lutando por melhores oportunidades e pela garantia de direitos.

A todos os professores e amigos, os quais trabalham incansavelmente por uma educação pública de qualidade e pela valorização do magistério.

A todos os alunos que aceitaram o desafio de aprender a Língua Brasileira de Sinais, especialmente aos alunos do Instituto de Educação Rangel Pestana e da Faculdade Cesgranrio.

“A língua de sinais é para os olhos o que as palavras são para os ouvidos.”

Autor desconhecido

PREFÁCIO

Este estudo avaliativo foi realizado no período em que a autora era mestranda da Faculdade Cesgranrio entre os anos 2015-2017. Seu objetivo foi elaborar e validar o programa da parte prática da disciplina ‘Tempos para ênfase no PPP/ Libras do Curso de Formação de Professores (3º ano), nível médio, do Instituto de Educação Rangel Pestana – IERP pertencente à rede estadual de ensino, localizado no município de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, onde a autora é lotada como professora docente I. Este programa da parte prática foi elaborado com base no currículo mínimo disponibilizado pela Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC, 2013).

Durante o curso de Mestrado, as leituras, discussões e debates despertaram um inquietante desejo na autora de estudar ainda mais as questões como surdez, deficiência auditiva, a Libras, a formação docente e de contribuir para efetivar a inclusão dos alunos surdos. Assim, alguns questionamentos começaram a surgir e a nortear o estudo: Por que não elaborar um programa que fosse utilizado nas aulas da disciplina Libras? Em que medida trabalhar somente a teoria contribui para o entendimento dos alunos sobre o ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras? Na realidade, segundo Conceição, os alunos desejavam aprender, na prática, os sinais, então por que não garantir tal aprendizagem a eles?

A autora, na condição de docente, tinha ouvido diversas queixas dos alunos em relação à qualidade da formação, incidindo sobre o horário integral, excesso de disciplinas que compõem a grade curricular e que, de acordo com muitos deles, não contribuíam para uma formação de qualidade. Eles afirmavam que chegavam ao 3º ano do Curso de Formação de Professores sem estarem preparados para assumir a regência de uma turma com alunos ditos “normais” e, pior ainda, se na sala de aula estivessem alunos que apresentassem necessidades educacionais especiais.

Considerando os estudos feitos no Mestrado e as necessidades que lhe angustiavam na sua vivência como docente Conceição optou acertadamente por elaborar e avaliar a parte prática do programa da disciplina Libras, oferecida no Curso Normal, e estabeleceu duas questões avaliativas: (a) até que ponto os conteúdos do programa da disciplina são adequados ao desenvolvimento das competências básicas em Libras necessárias à formação dos futuros docentes? (b) até que ponto as estratégias e os recursos propostos no programa favorecem a aprendizagem dos conteúdos básicos da disciplina Libras? Questões estas respondidas ao final deste livro.

As abordagens avaliativas adotadas neste estudo foram a centrada em especialistas e centrada nos participantes. A autora escolheu a abordagem centrada nos especialistas, a saber, valeu-se de pessoas que atuavam profissionalmente em órgãos públicos e privados,

inclusive em Institutos Federais como palestrantes, professores, instrutores e usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras), porque estes poderiam revelar situações, fatos e percepções bastante importantes, baseadas na sua experiência profissional, e levá-la a encontrar respostas para o seu objetivo de estudo. Adicionalmente usou a abordagem centrada nos participantes, envolvendo egressos e alunos concluintes do Curso de Formação de Professores (IERP), principais interessados neste assunto, porque tinha certeza de que as respostas oferecidas por esses respondentes, embasadas na situação de vivência da disciplina, contribuiriam decisivamente para que pudesse aprofundar e concluir a sua avaliação.

O material que compõe este livro é fruto, portanto, do estudo avaliativo e das experiências da autora enquanto professora e usuária da Língua Brasileira de Sinais. Para dar terminalidade à sua dissertação, Conceição contou com a orientação da Professora Doutora Maria Beatriz Gomes Bettencourt que, na época, era integrante do quadro de professores do Mestrado da Faculdade Cesgranrio.

Considero que a essência deste trabalho está na sua finalidade última, a saber: melhorar a qualidade da formação dos futuros docentes, contribuir para uma sociedade mais justa, com melhores oportunidades, sem preconceitos e sem discriminações para as pessoas surdas. Destaco aqui uma frase que me foi dita por Conceição: “Tenho certeza de que não há inclusão, não há evolução, não há sucesso sem trabalho, sem estudo, sem aprendizagem, sem dignidade, sem respeito, sem ética e com certeza sem amor pelo próximo”, que me mobilizou a prefaciá-lo. Conceição é realmente uma pessoa muito especial; ela se destaca por seu obstinado trabalho para melhorar a inclusão da pessoa surda.

Que este livro seja um convite à ação. Que cada conteúdo e estratégias selecionados para compor o programa prático da disciplina mobilizem o incentivo à aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais por atores envolvidos no processo educacional.

Doutora Lúcia Regina Goulart Vilarinho
Professora adjunta do Mestrado da Faculdade Cesgranrio

SUMÁRIO

A INCLUSÃO DAS PESSOAS SURDAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	1
UM LONGO PERCURSO RUMO À INCLUSÃO	1
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	3
O ENQUADRAMENTO JURÍDICO	5
OBJETIVO E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO AVALIATIVO.....	6
O PROGRAMA DA DISCIPLINA LIBRAS NO CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES.....	8
O ENSINO DA LIBRAS EM CONTEXTO EDUCACIONAL	8
O CONTEXTO INSTITUCIONAL DE APRENDIZAGEM	10
A ELABORAÇÃO DO PROGRAMA DA DISCIPLINA LIBRAS	10
O PROGRAMA DA DISCIPLINA LIBRAS	13
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
ABORDAGEM AVALIATIVA	18
QUESTÕES AVALIATIVAS	19
PARTICIPANTES	19
CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS.....	19
APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS	24
ANÁLISE DOS DADOS	26
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	27
CARATERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	27
ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ESPECIALISTAS	29
Legislação.....	29
Contexto da Formação.....	32
Programa.....	36
Comunicação	39
ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS EGRESSOS.....	41
Legislação.....	41
Contexto da formação	43
Programa.....	43

ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ESTUDANTES CONCLUINTES	46
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	49
CONCLUSÕES.....	49
RECOMENDAÇÕES DOS ESPECIALISTAS.....	51
A perspectiva participativa.....	51
A organização por unidades.....	51
RECOMENDAÇÕES DOS EGRESSOS.....	52
RECOMENDAÇÕES DOS ESTUDANTES CONCLUINTES	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
CONTRIBUIÇÃO DO ESTUDO AVALIATIVO	56
REFERÊNCIAS	57
SOBRE A AUTORA.....	60

A INCLUSÃO DAS PESSOAS SURDAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

UM LONGO PERCURSO RUMO À INCLUSÃO

A inclusão pode ser comparada ao “caleidoscópio que precisa de todos os pedaços que o compõem” (MANTOAN, 2006, p. 20). Do mesmo modo, os seres humanos também são diferentes, não somente em relação a sexo, a raça, a idade e condição social, mas também por suas características físicas, pelas preferências individuais, maneiras de ser e de agir de modos singulares. Entende-se, portanto, que a educação inclusiva não trata apenas da garantia do acesso e da permanência na escola para todos; implica, também, a forma de atuar pedagogicamente diante desse cenário.

Assim, para que se cumpra o que determina a Constituição Federal de 1988, os professores da rede pública e privada deverão contribuir para que todos os alunos sejam incluídos e possam derrubar as barreiras do medo, do preconceito, da exclusão e, até mesmo, da repulsa, promovendo a aceitação e o reconhecimento de todos. Ao mesmo tempo, os professores devem estar atentos às potencialidades diversas, muitas vezes escondidas, que os alunos possuem. Todos os esforços devem ser feitos para trazê-las à tona, de forma responsável e consciente das diferenças e condições de cada um, certos da importância das mesmas no processo de inclusão educacional e social. Ainda segundo Mantoan (2006, p. 19), “a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, porque não atinge apenas os alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral”. Sabe-se que a construção desse modelo de atuação pedagógica implica repensar, avaliar e transformar a escola no que se refere ao currículo, muitas vezes fragmentado e sem significado, à avaliação que continua a excluir e à metodologia, muitas vezes ultrapassada.

O papel do professor regente é fundamental neste processo, bem como de outros profissionais essenciais para garantia da permanência e o êxito escolar, como por exemplo, o intérprete. Este é “um profissional previsto em lei que deve atuar nas salas de aula para viabilizar o acesso dos alunos aos conhecimentos e conteúdos curriculares, em todas as atividades didático-pedagógica” (BRASIL, 2005). Portanto, é muito importante investir na formação inicial e continuada dos professores e de outros técnicos da educação.

Será necessário mudar os recursos, utilizar as tecnologias e, principalmente, mudar atitudes, abandonando de vez uma postura discriminatória, seletiva e pouco eficiente que ainda caracteriza algumas atuações pedagógicas. Portanto, é urgente refletir de que forma deverão ser feitas essas transformações, pois a inclusão é um processo cheio de imprevistos, sem fórmulas e receitas prontas e que exige aperfeiçoamento constante.

Sabe-se que o vocábulo inclusão tem sido intensamente utilizado por todos os setores educacionais. Contudo, há que se entender o pleno sentido desta palavra e o que ela representa na comunidade surda. A diversidade, grande riqueza do país, é fator

determinante. Entende-se, então, que a inclusão é mais do que um espaço na sala de aula. A finalidade é não deixar ninguém de fora dos espaços escolares, o que já vem avançando de forma mais positiva. O grande desafio ainda está na permanência, na terminalidade e, principalmente, na qualidade da aprendizagem, considerando as especificidades de cada aluno. É preciso, garantir a formação de cidadãos críticos, qualificados e preparados para enfrentarem os obstáculos previsíveis na vida profissional e pessoal. Incluir todos na rede regular de ensino não é garantia de aprendizagem e de sucesso.

“Assumir a inclusão em escola regular como direito de todos não deve instituí-la como obrigatória para todos” (BAGAROLLO; FRANÇA, 2015 p. 55). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394 (BRASIL, 1996) determina que todos têm o direito à escolarização, mas utiliza o termo “preferencialmente na rede regular de ensino” e não a palavra obrigatoriamente na rede regular de ensino.

Assim, Franco “defende um processo diferenciado e cuidadoso, dependendo da “deficiência” e da possibilidade de desenvolvimento de cada aprendiz” (FRANCO, 1999 apud NOVAES, 2010, p. 79).

O conceito e a prática da inclusão são recentes. Para Honora e Frizanco (2009), a história da luta dos surdos pelo direito ao convívio e à instrução vem desde a Antiguidade, época em que era muito comum o casamento entre parentes, o que dava frequentemente origem ao nascimento de filhos surdos ou com outras deficiências. Segundo os mesmos autores, para os Romanos e os Gregos, os surdos não eram considerados seres humanos completos. Para eles, romanos e gregos ouvintes, o desenvolvimento da linguagem oral tinha uma relação com o pensamento. Desta forma, a pessoa surda, por não desenvolver a oralidade, era considerada defeituosa, incapaz de pensar e de receber instrução.

Segundo Honora e Frizanco (2009, p. 19), “na Idade Média, a Igreja Católica teve papel fundamental na discriminação, no que se refere às pessoas com deficiência, já que para ela o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus”. A Igreja passou a se preocupar com a instrução dos surdos, principalmente em relação às famílias abastadas. A preocupação da época era uma instrução no sentido de desenvolver uma língua. Os primeiros surdos a receberem alguma instrução, foram os filhos de famílias nobres porque “possuindo uma língua, eles poderiam participar dos ritos, dizer os sacramentos e, conseqüentemente, manter suas almas imortais” (HONORA; FRIZANCO, 2009, p. 19).

Sabe-se que as primeiras tentativas de instrução e de Integração de pessoas surdas tiveram início no final da Idade Moderna. Hoje, segundo Mantoan (2006, p. 18), “o uso da palavra integração refere-se mais especificamente à inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns”.

A luta incansável das famílias e das pessoas surdas pelo direito à educação tem sido longa e marcada pelo sofrimento e muitos surdos, por medo ou insegurança, continuam

fazendo a opção por estudar em classes especiais, com seus ditos “iguais”. Embora, no Brasil, o tema inclusão seja amplamente abordado e discutido, ainda existem muitos desafios a enfrentar para que, efetivamente, todos sejam incluídos; é responsabilidade dos envolvidos no processo educativo avaliar o que está sendo feito, em termos de prática pedagógica, para a inclusão de pessoas surdas nas redes de ensino.

A orientação geral é a de que as diferenças individuais devem ser aceitas e também compreendidas, em sua complexidade, pelas Instituições Educacionais e pela sociedade como um todo. Mantoan (2006, p. 15) considera que “[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor. Não pode continuar anulando e marginalizando as diferenças”. Embora as leis assim o determinem, ainda se tem que vencer muitos obstáculos até que o ensino, de um modo geral, tenha melhor qualidade. O processo de inclusão não se efetiva somente por decretos, portarias ou resoluções, mas é, acima de tudo, resultante da formação inicial e continuada dos professores, do respeito às diferenças, de melhores condições de trabalho e da valorização da educação no Brasil. “Os caminhos até então percorridos para que a escola brasileira acolha a todos os alunos, indistintamente, têm se chocado com o caráter eminentemente excludente, segregado e conservador de nosso ensino, em todos os seus níveis” (MANTOAN, 2006, p. 29).

Neste contexto, a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais nos cursos de formação inicial de professores é um passo importante no caminho da inclusão, habilitando o professor a se comunicar com o aluno surdo, proporcionando uma melhor interação entre ambos e uma melhor aprendizagem.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Sabe-se que, no atual contexto econômico-político-social, a formação docente tornou-se um grande desafio. Este tem sido o tema de congressos, palestras, seminários, encontros, onde atores envolvidos no processo de inclusão, em todas as áreas da educação, discutem com seus pares a formação inicial e continuada dos professores. “Exige-se preparo para que o professor se constitua em um formador de mentalidades e não em um transferidor de conhecimentos” (BENACHIO, 2011, p. 15). É necessário conhecer e aprender para ter segurança na docência. “A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência”(FREIRE, 1997, p. 102-103). A reflexão acerca da importância do conhecimento, do preparo, da qualificação profissional, da qualidade da docência e da prática pedagógica são relevantes no processo educacional. Segundo Freire (1997, p. 43), “na formação permanente do professor, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje, ou de ontem, que se pode melhorar a próxima prática”.

Entende-se que ainda é longa a caminhada para que seja garantida uma educação de qualidade, para absolutamente todos, inclusive para os alunos surdos e as demais minorias desfavorecidas. Reconhece-se que ninguém deve ser excluído, porém, o processo é longo e desafiante, mas essencial para a construção de uma sociedade igualitária e mais justa, onde as deficiências sejam encaradas, não como defeito ou incapacidade, mas como uma condição diferente, uma possibilidade de crescimento e enriquecimento. Assim, é fundamental que a formação de professores dê resposta às necessidades de uma escola inclusiva, tendo em conta que:

É responsabilidade do ensino colocar os alunos em condições de continuarem estudando e aprendendo durante toda a vida e inculcar valores e convicções democráticas, tais como: respeito pelos companheiros, solidariedade, capacidade de participação em atividades coletivas, crença nas possibilidades de transformação da sociedade. (LIBÂNEO, 1991, p. 24).

A formação inicial e continuada dos docentes é fator primordial para que mudanças comecem a acontecer. Para Freire (1997, p. 25):

[...] É preciso que desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e se re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.

Melhorar a qualidade da formação inicial dos professores e oportunizar a formação continuada é, segundo Benachio (2011, p.15), “valorizar o seu trabalho, proporcionando-lhe espaços coletivos para reflexão com seus pares sobre o ser docente”.

Para possibilitar este desiderato, a legislação determina que a formação de docentes seja oferecida, predominantemente, em nível superior:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (BRASIL, 1996).

Ainda de acordo com Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no seu artigo 62. §1º, “A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.” (BRASIL, 1996). Mantêm-se, então, as formações de nível médio que, dada a carência atual, ainda se tornam necessárias em contextos específicos.

O ENQUADRAMENTO JURÍDICO

A Constituição Federal de 1988, no seu artigo 205, determina que

“A educação é direito de todos e dever do Estado e da família [...]”. Todos, sem exceção, devem ser incluídos, inclusive as pessoas surdas e os deficientes auditivos. É fundamental garantir não só o acesso e a permanência na escola, mas também oferecer uma educação de qualidade. (BRASIL, 1988).

Também a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, (BRASIL, 1996) no seu artigo 58, determina a inclusão das pessoas com necessidades especiais e com deficiência nos espaços educacionais, garantindo o direito de todos a uma educação de qualidade.

A surdez, ao longo dos anos, foi considerada como incapacidade, defeito e, por este motivo, a luta das pessoas surdas e seus familiares pela igualdade tem sido árdua. A busca por uma educação de qualidade, por oportunidades no trabalho, sem discriminações e preconceitos, ainda é um grande desafio. Espera-se que, ao expandir o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais no Curso de Formação de Professores, as pessoas surdas tenham melhores garantias na sua vida social e educacional.

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhece oficialmente a Língua Brasileira de Sinais (BRASIL, 2002). Esta é definida por Novaes:

“[...] como a forma de comunicação e expressão, em que sistema linguístico de natureza visual-motora e estrutura gramatical própria. Constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (NOVAES, 2010, p. 72).

Para Novaes (2010, p. 47),

na análise do bilinguismo, a língua é considerada um meio para desenvolvimento do ser em seu todo, capaz de propiciar a comunicação das pessoas surdas com os ouvintes, bem como com seus pares, além de desempenhar também o papel de suporte do desenvolvimento cognitivo.

Segundo Gesser (2009, p. 12), a língua de sinais não é universal. Cada país possui a sua. “Nos Estados Unidos, os surdos falam a língua americana de sinais; na França, a língua francesa de sinais; no Japão, a língua japonesa de sinais; em Portugal, a língua gestual portuguesa e no Brasil, a língua brasileira de sinais”.

Tal como indica Fernandes (2012, p. 24), para as pessoas surdas, “aceita-se a aquisição da língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua, numa visão que vem ocupando o espaço do senso comum, entre pesquisadores e profissionais da área de educação de surdos”.

Sabe-se que é comum entre os ouvintes, confundir a língua de sinais com gestos ou mímicas. Mas, “as línguas de sinais expressam sentimentos, emoções e quaisquer ideias ou conceitos abstratos” (GESSER, 2009, p. 23). Portanto, não podem ser considerados

apenas como mímicas, que segundo definição do dicionário, “é o modo de imitação, de demonstração, dos pensamentos por meio de gestos, expressões físicas ou fisionômicas” (MÍMICA, 2017).

Neste contexto, a disciplina Língua Brasileira de Sinais tem um importante papel e o professor desta disciplina uma grande responsabilidade na busca por uma melhor qualidade na formação dos docentes.

Com o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, a disciplina Língua Brasileira de Sinais passou a ser componente obrigatória da grade curricular em todos os Cursos de Formação de Professores, seja em nível médio ou superior. O referido decreto regulamenta a Lei nº 10.436/2002, em seu capítulo VI, sobre a “A garantia do Direito à Educação das Pessoas Surdas ou com Deficiência Auditiva”, e determina que os sistemas educacionais garantam a inclusão nos Cursos de Formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino de Libras. O art. 22 deste decreto determina a existência de:

- I. escolas e classes especiais de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;
- II. escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como a presenças de tradutores e intérpretes de Libras. (BRASIL, 2005).

OBJETIVO E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO AVALIATIVO

Tendo-se tornado obrigatória a oferta da disciplina Libras, a Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC) passou a disponibilizar os seus conteúdos mínimos na grade curricular do Curso de Formação de Professores de nível médio, no Sistema Conexão Educação. Esses conteúdos estão organizados em habilidades e competências, distribuídas em quatro eixos, referentes aos quatro bimestres do ano letivo. A parte teórica deste currículo especifica os conteúdos de ensino e as habilidades e competências a adquirir pelos alunos. A sua parte prática não indica conteúdos e refere-se, unicamente, a habilidades e competências: “iniciar e expandir os conhecimentos básicos de Libras” (SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, 2013). Assim, este currículo não especifica quais as habilidades e competências os alunos devem adquirir na parte prática, nem que conhecimentos devem ser ensinados. O professor desta disciplina tem como desafio, selecioná-los e adequá-los ao contexto dos alunos.

A autora, como formadora, tem tomado consciência das queixas dos alunos em relação à qualidade da formação, quer sobre o horário integral, quer sobre o excesso

de disciplinas que compõem a grade curricular que, segundo os alunos afirmam, não contribuem para uma formação de qualidade. Sinalizam que chegam ao 3º ano do Curso de Formação de Professores sem estarem preparados para assumirem a regência de uma turma, com alunos ditos “normais” e, menos ainda, com alunos que apresentem necessidades educacionais especiais.

Avaliar a prática pedagógica é o ponto de partida para a necessária reflexão sobre a formação desenvolvida. Só assim a formação docente contribuirá, efetivamente, para a educação seja um processo de inclusão de todas as deficiências, inclusive das pessoas surdas, no contexto social. Deve-se assinalar que nunca foi realizada uma avaliação de programas referentes ao ensino prático de Libras, na formação docente. Relembra-se, a este propósito a afirmação de um grande pensador:

A essência da avaliação é permitir a confirmação geral da matéria e dos métodos de ensino para atender às necessidades do estudante. A avaliação só pode ser útil quando resultar de trabalho da equipe elaboradora do currículo, incluindo o especialista na matéria, o programador do currículo, o professor, o examinador e os estudantes. (BRUNER, 1976, p. 156).

Assim, a autora decidiu realizar este estudo com o objetivo de avaliar até que ponto o seu programa para a parte prática na disciplina LIBRAS, ministrado no Curso de Formação de Professores do Instituto de Educação Rangel Pestana, da rede estadual de ensino, localizado no município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, é adequado ao desenvolvimento das competências necessárias à formação de futuros docentes.

Ao avaliar o conteúdo programático da disciplina Libras, a autora pretende também recolher contribuições para melhorar a qualidade da disciplina e, desta forma, favorecer a inclusão de pessoas surdas no contexto educacional e social. Para Sartoretto (apud MANTOAN, 2011, p. 77), a palavra incluir significa “compreender, abranger, fazer parte, pertencer, processo que pressupõe, necessariamente e antes de tudo, uma grande dose de respeito”. Para esta autora,

a inclusão só é possível onde houver respeito à diferença e, conseqüentemente, a adoção de práticas pedagógicas que permitam às pessoas com deficiências aprender e ter reconhecidos e valorizados os conhecimentos que são capazes de produzir, segundo seu ritmo e na medida de suas possibilidades (SARTORETTO, 2017)

A inclusão impõe ao ensino a mobilização de todos os envolvidos neste processo, inclusive o professor, que deverá estudar constantemente, para avaliar e redimensionar sua prática.

O PROGRAMA DA DISCIPLINA LIBRAS NO CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

O ENSINO DA LIBRAS EM CONTEXTO EDUCACIONAL

No Brasil, a língua portuguesa, primeira língua dos ouvintes, é considerada, no contexto educacional, como a língua mais importante. Segundo Fernandes (2012, p. 32), “A língua de sinais, ao ser introduzida nos espaços escolares, passa a ser coadjuvante no processo, enquanto o português mantém-se com o papel principal”.

Ainda é hoje objeto de discussão no setor educacional qual a língua a adotar na educação dos surdos. De acordo com Lima (2015, p. 78), “A educação bilíngue reconhece a importância de ambas as línguas – a Libras e o Português para o desenvolvimento cognitivo, social e político dos estudantes surdos”.

A educação é um direito constitucional e o “bilinguismo defende a condição do sujeito surdo visando garantir seus direitos linguísticos e de cidadania.” (LIMA, 2015, p. 79). Assim, o bilinguismo é “o uso que as pessoas fazem de diferentes línguas (duas ou mais) em diferentes contextos sociais” (FERNANDES, 2012, p. 28).

A luta das pessoas surdas e de seus familiares em defesa da educação bilíngue tem sido árdua e muito intensa. Elas entendem que a língua é um direito constitucional e que poderá facilitar a aprendizagem, a inserção no mundo do trabalho e no meio social, oportunizando a comunicação e a convivência entre surdos e ouvintes.

Novaes (2010, p. 72) afirma que, no caso do aluno surdo, a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa, defendendo a educação bilíngue”, uma educação que permita mudanças nos setores educacional e social, oportunizando crescimento profissional: “O bilinguismo considera que a língua oral não preenche todas essas funções, sendo imprescindível o aprendizado de uma língua visual-sinalizada desde a tenra idade.” (BERNARDINO, 2000, p. 29). O bilinguismo não pode ser considerado uma ameaça para educação dos surdos, “saber mais línguas apresenta vantagens tanto no campo cognitivo quanto nos campos político, social e cultural” (FERNANDES, 2012, p. 28).

Para Gesser (2009, p. 50), “oralizar é sinônimo de negação da língua dos surdos. É sinônimo de correção, de imposição de treinos exaustivos, repetitivos e mecânicos da fala.” Para ele, “a surdez é histórica e socialmente, um problema para o ouvinte. Ela em nada afeta a vida dos surdos. O problema começa a existir quando queremos torná-los ouvintes e falantes da língua oral.” (GESSER, 2009, p. 82).

Tendo em vista as diferenças entre os sujeitos surdos e ouvintes, sabe-se que a língua de sinais é considerada natural. Segundo Perlin e Moura (apud SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 567), para que o surdo adquira uma identidade surda deve tomar posse de Libras, apropriar-se dela. Somente com a apropriação desta língua, os surdos

terão respeitados seus direitos, constituindo sua identidade. A construção da identidade surda pode ser compreendida a partir da argumentação de Skliar (apud GESSER, 2009, p. 46): a “construção das identidades não depende da maior ou menor limitação biológica, e sim de complexas relações linguísticas, históricas, sociais e culturais”. Numa perspectiva social, entende-se que não existe uma identidade exclusiva e única. Ela pode ser construída por pessoas diversas e em papéis sociais diferentes, pode-se ser surdo ou ouvinte; rico ou pobre; novo ou velho; inexperiente ou experiente; heterossexual ou homossexual; branco ou negro; professor, médico ou dentista; pai; amigo; esposo; ter escolhas e gostos diferentes, sendo também pela língua que se constrói a subjetividade e identidade.

A identidade é construída em todos os espaços onde acontecem relações. Trata-se de um processo muito dinâmico, ou seja, “[...] um processo contínuo de construção e desconstrução, na ambiguidade presente e inevitável que a compõe, implicando um trabalho de unificação de diversidade, incorporando a diferença.” (MAHEIRIE, 1994, p. 65). Sabe-se que é muito importante o processo de aquisição de consciência sobre si mesmo e sobre as relações entre os atores, nos espaços sociais, educacionais e no trabalho. Para Strobel (2008, p. 24):

As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social.

Conhecer e respeitar a cultura surda poderá ser um passo muito importante no processo de inclusão de pessoas surdas e na apropriação da língua de sinais. Também segundo Strobel, (2008, p.30-31), “[...] uma cultura é um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições”. Ao se considerar que uma comunidade é um sistema social no qual um grupo de pessoas que vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras, tem-se que configurar uma comunidade surda ampla que não abrange só os não ouvintes:

[...] a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes, membros da família, intérpretes, professores, amigos e outros, que participam, que compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização. (STROBEL, 2008, p. 31).

Sabe-se que o ensino da Língua Brasileira de Sinais nos Cursos de Formação de Professores nos níveis médio e superior, progride a passos lentos. A carência de profissionais habilitados para esta disciplina é significativa. Desta forma a inclusão acontece, muitas vezes, de forma parcial, apenas com o oferecimento dos espaços nas salas de aula nas

redes de ensino.

O CONTEXTO INSTITUCIONAL DE APRENDIZAGEM

A disciplina cujo programa é objeto de avaliação é oferecida em uma instituição da rede pública estadual: o Instituto de Educação Rangel Pestana (IERP) e desde 1931, ele vem oferecendo, à comunidade, as séries iniciais do 1º segmento de Ensino Fundamental, em turmas de Educação Especial e turmas do ensino regular, além da educação de jovens e adultos, seguindo o que estabelece o Decreto nº 2676, de 17 de novembro de 1931 (PAIVA, 2014, p.164). Em 1966, a instituição passou a oferecer o antigo Curso Normal, tendo sido construído um anexo para esse fim, sendo, então, chamado de Instituto de Educação Rangel Pestana (1968).

O IERP está localizado no centro da cidade de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, o IERP oferece o Curso de Formação de Professores, em horário integral, com duração de três anos, a Formação Geral e a Nova Educação de Jovens e Adultos (Nova EJA), no horário noturno.

O corpo docente do IERP é formado por professores concursados, qualificados para ministrarem as disciplinas da matriz curricular nas modalidades do Curso de Formação de Professores e Nova EJA. Os alunos, majoritariamente do sexo feminino, residem no município de Nova Iguaçu ou em municípios vizinhos, em áreas afastadas do centro e também do município do Rio de Janeiro, em bairros próximos à Baixada Fluminense.

A direção do IERP é composta por um diretor geral e três diretores adjuntos cuja seleção é realizada de acordo com as exigências legais (SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, 2014). Atualmente, a escolha dos diretores é realizada por eleição com a participação da comunidade escolar.

O Curso de Formação de Professores de nível médio, na modalidade normal, oferecido pelo IERP, tem como objetivo, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, formar docentes para lecionar na Educação Infantil e nas cinco primeiras séries do Ensino Fundamental.

A ELABORAÇÃO DO PROGRAMA DA DISCIPLINA LIBRAS

A Libras, embora reconhecida e obrigatória nos Cursos de Formação de Professores, em nível médio e superior, ainda é ignorada pela maioria da população de ouvintes no Brasil. Para Quadros (apud LIMA 2015, p. 43) “a palavra ouvinte refere-se a todas as pessoas que não compartilham experiências visuais como pessoas surdas”. Nos dias atuais, ainda é muito comum, em lugares como nas filas de ônibus, restaurantes, *shoppings* e em outros contextos sociais e educacionais, encontrar ouvintes que debocham, discriminam e até

rotulam de “loucos”, os surdos que utilizam a LIBRAS como forma de comunicação. A luta das pessoas surdas é marcada por muitas injustiças. Seus direitos, previstos na Constituição Federal, ainda não são totalmente respeitados. Tal direito lhes vem sendo negado, já que quase a totalidade das escolas estaduais e municipais que têm atendido os surdos na rede regular de ensino não estão preparadas para oferecer uma educação de qualidade. O que se tem verificado é a sua simples inclusão nas salas (FELIPE, 2006).

A disciplina Libras, no Curso de Formação de Professores da Rede Pública Estadual do Rio de Janeiro tem como finalidade despertar, nos discentes, futuros docentes, o desejo de aprenderem o básico para a comunicação entre ouvintes e pessoas surdas, de buscarem expandir este conhecimento e, principalmente, desenvolver as competências básicas para a realização desta comunicação e, assim, contribuir para a inclusão dos alunos surdos na rede regular de ensino, se assim for o seu desejo e o de seus familiares.

Por competências entende-se, como define Perrenoud (apud MARCELINO, 2015, p. 12), “a capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos e emocionais para enfrentar um tipo de situação, a capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles”.

A disciplina Libras, no Curso de Formação de Professores do IERP tem uma carga horária anual de 80 horas, distribuídas por dois semestres, no 3º ano, ou seja, com dois tempos semanais, para as aulas da parte teórica e da parte prática básica. Os alunos costumam queixar-se do pouco tempo destinado à disciplina que, segundo os mesmos, é insuficiente para aprender uma nova língua.

O currículo mínimo da Rede Estadual de Ensino (SEEDUC, 2013), disponível no Sistema Conexão Educação, foi o ponto de partida para a elaboração do programa pela autora. Para este efeito entendeu-se currículo como “todas as atividades compreendidas no planejamento pedagógico, incluindo a execução e a avaliação de um trabalho” (ANTUNES, 2008, p. 100 apud KITZMANN; ASMUS, 2012, p. 272).

Como referência legal, o currículo mínimo fixado pela Secretaria Estadual de Educação, indica que o aluno deve adquirir as seguintes habilidades e competências:

No 1º semestre: “Conhecer os parâmetros fonológicos de Libras; Iniciar o processo de conhecimento básico de Libras, visando ao atendimento à educação bicultural e bilíngue.” (SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, 2013).

E, no 2º semestre: “Expandir os conhecimentos básicos de Libras, visando ao atendimento à educação bicultural e bilíngue.” (SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, 2013).

Em relação à avaliação, a Secretaria Estadual de Educação determina, por meio da Portaria 419 (SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, 2013), que sejam aplicados, no mínimo, três instrumentos de avaliação em todas as disciplinas da Educação Básica.

A referida Portaria determina, também, que sejam aplicados instrumentos de recuperação paralelos durante os 4 bimestres, para que alunos tenham a oportunidade de recuperar conteúdos e notas. Neste programa estão registradas as avaliações referentes à parte prática da disciplina Libras. O professor tem autonomia para escolher que instrumentos deve aplicar para avaliar seus alunos.

Para selecionar os conteúdos da parte prática do programa, a autora tomou como base os cursos que realizou na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), no Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES) e seus respectivos programas. Também foi importante para essa seleção, a experiência da autora como professora, nomeadamente, com as séries iniciais do Ensino Fundamental na Rede particular na Escola Doméstica Maria Raythe, como professora do Ensino Médio (Formação de Professores do IERP), como coordenadora do Ensino Fundamental e Médio nas Redes Pública e particular de ensino, como diretora e orientadora educacional de uma unidade escolar da Rede Estadual de Ensino e, principalmente, todo o trabalho realizado na sala de recursos, também na Rede Estadual de Ensino, atendendo alunos com necessidades educacionais especiais, com dificuldades de aprendizagem, inclusive alunos surdos.

O trabalho docente realizado pela autora, no Curso de Formação de Professores e na disciplina Libras, está sendo revisto a cada ano, ampliado com novas experiências adquiridas com os alunos em formação. Este estudo avaliativo integra-se nesse percurso de melhoria da qualidade das aulas ministradas na disciplina Libras.

Considerando a relevância da aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais, decidiu-se iniciar o trabalho prático nesta língua logo no primeiro bimestre do ano letivo, e não no segundo, como indica a SEEDUC, sem prejuízo dos conteúdos teóricos determinados no currículo mínimo.

Para o ensino da disciplina Libras, em sua vertente prática, os conteúdos básicos selecionados, os recursos e as estratégias utilizados, foram registrados no planejamento anual.

Drabach (2009) e Tyler (1976) compreendem o currículo como o conjunto de objetivos educacionais e conteúdos que visam desenvolver determinados comportamentos – os quais se delineiam a partir dos objetivos e se concretizam a partir dos conteúdos.

Foi a perspectiva de Tyler sobre o currículo, em seu sentido restrito de programa de estudo, que guiou a autora na elaboração do programa da disciplina Libras, parte prática, constante no Quadro 1. A partir dos objetivos da disciplina, formulados em termos de conhecimentos e competências a adquirir, foram estabelecidos os conteúdos básicos, definidas as estratégias e os procedimentos didáticos e indicados os recursos didáticos de suporte. Foram utilizados os critérios de organização curricular apontados por Tyler, a saber: continuidade, sequência e integração:

A continuidade envolve a ênfase repetida sobre esses elementos particulares na experiência do aluno; a sequência refere-se à amplitude e profundidade cada vez maior no desenvolvimento do estudante; e a integração, a uma unidade cada vez maior no comportamento dele em relação aos elementos envolvidos. (TYLER, 1976, p. 89).

O PROGRAMA DA DISCIPLINA LIBRAS

Curso de Formação de Professores da Rede Estadual
Nível Médio, 3º ano
PROGRAMA DA DISCIPLINA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
Professora Conceição Costa Leite Batalha
Instituto de Educação Rangel Pestana - IERP

Os conteúdos básicos registrados neste programa foram selecionados pela autora, professora da disciplina Libras do Curso de Formação de Professores, 3º ano. Também são da sua autoria os procedimentos pedagógico-didáticos apresentados e que decorrem da sua experiência reflexiva como aluna em Cursos do Instituto Nacional de Educação para Surdos - INES, da Federação Nacional de Educação e Integração dos surdos - FENEIS e como formadora, no Curso de Formação de Professores da Rede Estadual de Ensino.

Como referência legal, o currículo mínimo fixado pela Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC), indica que o aluno deve adquirir as seguintes HABILIDADES E COMPETÊNCIAS no 1º semestre:

“Conhecer os parâmetros fonológicos de Libras;

Iniciar o processo de conhecimento básico de Libras, visando ao atendimento à educação bicultural e bilíngue” (SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, 2013).

E, no 2º semestre:

“Expandir os conhecimentos básicos de Libras, visando ao atendimento à educação bicultural e bilíngue” (SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, 2013).

Em relação à avaliação, a Secretaria Estadual de Educação determina através da Portaria 419, (SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, 2013), que sejam aplicados no mínimo três instrumentos de avaliação em todas as disciplinas da Educação Básica. A referida portaria determina, também, que sejam aplicados instrumentos de recuperação paralelos durante os 4 bimestres para que alunos tenham a oportunidade de recuperar conteúdos e notas. Neste programa estão registradas as avaliações referentes à parte prática da disciplina Libras. O professor tem autonomia para escolher quais instrumentos deve aplicar para avaliar seus alunos.

Aulas 1º Semestre	Competências/ Conhecimentos	Conteúdos Básicos	Estratégias, Procedimentos Didáticos	Recursos Didáticos
<p>1º Bimestre 12 aulas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e comunicar saudações em Libras. - Conhecer o alfabeto manual dos surdos. - Utilizar as letras do alfabeto manual dos surdos para escrever o próprio nome, dos colegas da sala, dos familiares, etc. (datilologia). - Conhecer números sinais de Libras. - Enumerar situações de vida e do cotidiano utilizando os sinais de Libras. - Conhecer pronomes e ações – sinais de Libras. - Apresentar frases utilizando sinais de Libras: saudações, nomes, números, pronomes e ações. 	<ul style="list-style-type: none"> - Saudações: <ul style="list-style-type: none"> . Oi! Bom dia! . Boa tarde! Boa noite! - Alfabeto manual dos surdos: ABC... - Nomes: <ul style="list-style-type: none"> . dos alunos; . dos pais; . dos irmãos; . do namorado(a). - Números: <ul style="list-style-type: none"> . idade; . datas; . nº da casa; . nº do telefone. - Pronomes: <ul style="list-style-type: none"> . pessoais; . possessivos. . demonstrativos, etc. - Ações do cotidiano: <ul style="list-style-type: none"> . amar/ odiar; . falar/ olhar; . gostar/ não gostar; . pensar; imaginar; . comer/ beber; . andar/ correr; . pular; nadar; . abraçar; dormir, etc. 	<p>Orientação e explicação de como fazer os sinais de Libras (fazendo os sinais para os alunos).</p> <p>Treino dos sinais com os alunos.</p> <p>Audição e execução de músicas com alfabeto e números em sinais de Libras.</p> <p>Exibição de imagens com sinais de Libras.</p>	<p>Desenhos com as formas das mãos, setas para indicar o ponto de partida, a direção e os movimentos dos sinais</p> <p>Rádio/ CD</p> <p>Data show para exibir imagens.</p> <p>Computador/ internet Dicionário do INES</p> <p>Celulares e tablets - Aplicativo ProDeaf nos celulares para aprender sinais de Libras</p>

AVALIAÇÃO DO 1º BIMESTRE – APRESENTAÇÃO PELOS ALUNOS DE PEQUENAS FRASES UTILIZANDO A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Aulas 1º Semestre	Competências/ Conhecimentos	Conteúdos Básicos	Estratégias, Procedimentos Didáticos	Recursos Didáticos
<p>2º Bimestre 14 aulas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer os dias da semana, meses do ano sinais de Libras. - Criar e apresentar frases utilizando sinais de Libras: dias da semana e meses do ano. - Aprender e treinar as expressões faciais e/ ou corporal. (um dos parâmetros fonológicos de Libras). - Utilizar os sinais de Libras. com expressões faciais e/ ou corporais em frases e pequenos textos. - Conhecer os sinais de Libras. para gênero, masculino e feminino, e para parentesco. - Conhecer sinais de Libras. para animais, cores, cômodos e objetos da casa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dias da semana - Meses do ano - Sentimentos - e expressões: amor; ódio; alegria; tristeza; felicidade; medo; raiva; calma; surpresa; etc. - Família, masculino e feminino: pai/ mãe; filho/ filha; avô/ avó; tio/ tia; irmão/ irmã; primo/ prima; amigo/ amiga, etc. - Alimentos/bebidas: . arroz; feijão; macarrão; biscoito; doce salgado; carne; frango; pão; etc. . água; chá; leite/café; refrigerante; etc. - Animais/ insetos: . Cachorro; gato; galinha; tigre/ onça; porco; jacaré; passarinho; peixes; tubarão; aranha; barata; mosca; mosquito; etc. - Cores: . azul; amarelo; rosa verde; vermelho; marrom; cinza; laranja; branco; preto; claro; escuro; etc. - Objetos e cômodos da casa: . quarto; sala; cozinha; copa; banheiro; etc. . mesa; cadeira; sofá; estante; fogão; copo; talheres; xícara; etc. 	<p>Orientação e explicação de como fazer os sinais.</p> <p>Exibição de imagens com sinais em vídeos.</p> <p>Treino dos sinais com os alunos.</p> <p>Apresentação de músicas infantis – Português/ Libras.</p>	<p>Desenhos com as formas das mãos, setas para indicar o ponto de partida, a direção e os movimentos dos sinais.</p> <p>Data show para exibir imagens e músicas infantis com sinais de Libras.</p> <p>Celulares para ouvir as músicas em língua portuguesa.</p> <p>Computador/ internet Dicionário do INES*</p> <p>Celulares e <i>tablets</i> - Aplicativo <i>ProDeaf</i> nos celulares para aprender sinais de Libras.</p>
<p>AValiação do 2º Bimestre – Apresentação pelos alunos de músicas infantis utilizando a Língua Brasileira de Sinais.</p>				

Aulas 2º Semestre	Competências/ Conhecimentos	Contéudos Básicos	Estratégias, Procedimentos Didáticos	Recursos Didáticos
3º Bimestre 12 aulas	<p>- Conhecer sinais de Libras para vestuário, profissões, material e atividades escolares.</p> <p>- Apresentar histórias infantis com sinais de Libras.</p>	<p>- Vestuário</p> <ul style="list-style-type: none"> . roupas; . calçados; etc. <p>- Profissões</p> <ul style="list-style-type: none"> . professor; . diretor; . médico; . dentista; . intérprete . fonoaudiólogo; . psicólogo; . vendedor; . ator; . motorista; . policial; etc. <p>- Material escolar</p> <ul style="list-style-type: none"> . lápis/ caneta; . caderno/ livro; . apontador/ régua; . borracha/ estojo; . apagador/ giz; . mochila/ cola; etc. <p>- Ações (escola)</p> <ul style="list-style-type: none"> . escrever; . pintar; . recortar . colar . ler; . aprender; . estudar; . pesquisar; . perguntar; . merendar; etc 	<p>Orientação e explicação de como fazer os sinais.</p> <p>Exibição de imagens com sinais em vídeos.</p> <p>Treino dos sinais com os alunos.</p> <p>Apresentação de histórias infantis – Português/ Libras.</p> <p>Exibição do filme BLACK. História da Hellen Keller (surda cega)</p> <p>Relato de histórias de pessoas surdas que se destacaram no Brasil e no mundo.</p>	<p>Desenhos com as formas das mãos, setas para indicar o ponto de partida, a direção e os movimentos dos sinais.</p> <p><i>Data show</i> para exibir imagens, histórias infantis - sinais de Libras. e o filme.</p> <p>Computador/ internet Dicionário do INES*</p> <p>Celulares e <i>tablets</i> - Aplicativo ProDeaf nos celulares para aprender sinais de Libras.</p>
<p>AVALIAÇÃO DO 3º BIMESTRE – APRESENTAÇÃO PELOS ALUNOS DE HISTÓRIAS INFANTIS UTILIZANDO A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.</p>				

Aulas 2º Semestre	Competências/ Conhecimentos	Contéudos Básicos	Estratégias, Procedimentos Didáticos	Recursos Didáticos
4º Bimestre 12 aulas	<p>Conhecer os sinais de Libras para transportes e meios de comunicação.</p> <p>Conhecer os sinais referentes a hora, tempo e moeda sinais de Libras.</p> <p>Utilizar os meios de comunicação para contato com os surdos</p> <p>Conhecer os sinais referentes a palavras e símbolos do NATAL.</p> <p>Pesquisar sinais de Libras com tema relacionado ao NATAL.</p> <p>- Mensagens de despedida com sinais de Libras.</p>	<p>- Transportes:</p> <ul style="list-style-type: none"> . carro; . ônibus; . trem; . metrô; . avião, etc. <p>- Meios de comunicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> . televisão; rádio; . computador; celular . tablete, etc. <p>- Hora/ tempo:</p> <ul style="list-style-type: none"> . segundos; minutos; . meia hora; 1 hora; 2 horas; .3 horas; etc. <p>- Moedas/ dinheiro:</p> <ul style="list-style-type: none"> . centavos; real; etc. <p>- Sinais de palavras relacionadas ao Natal (sem foco em religião):</p> <ul style="list-style-type: none"> . amor; paz; . saúde; . felicidade; . sucesso . vitória; . nascimento; . amizade; . carinho; . perdão; . respeito; etc. 	<p>Orientação e explicação de como fazer os sinais.</p> <p>Exibição de imagens com sinais em vídeos.</p> <p>Treino dos sinais com os alunos.</p> <p>Conversa em sala de aula utilizando sinais de Libras. (aproximadamente 15min por aula).</p>	<p>Desenhos com as formas das mãos, setas para indicar o ponto de partida, a direção e os movimentos dos sinais.</p> <p>Computador/ internet Dicionário do INES*</p> <p>Celulares e <i>tablets</i></p> <p>- Aplicativo ProDeaf nos celulares para aprender sinais de Libras.</p>

AVALIAÇÃO DO 4º BIMESTRE – APRESENTAÇÃO PELOS ALUNOS DE POESIAS E MENSAGENS UTILIZANDO A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para este estudo, quais sejam: a abordagem e as questões avaliativas, os critérios de seleção dos participantes; o planejamento do processo da avaliação, a escolha das categorias de avaliação e respectivos indicadores, a construção e validação dos instrumentos (roteiros de entrevista e questionário), a coleta, análise e tratamento dos dados.

ABORDAGEM AVALIATIVA

Scriven 1967 (apud WORTHEN; SANDERS; FITZPATRICK, 2004, p. 35), definiu avaliação, como o “julgar o valor ou mérito de alguma coisa”. Este julgamento de valor traz benefícios, pois possibilita aos atores envolvidos uma tomada de decisão esclarecida.

As abordagens adotadas neste estudo avaliativo foram a centrada em especialistas e centrada nos participantes. A abordagem centrada em especialistas tem como principal característica valorizar os conhecimentos próprios dos profissionais. Entende-se que uma avaliação centrada em especialistas “depende basicamente dos conhecimentos específicos de um profissional para julgar uma instituição, um programa, um produto ou uma atividade” (WORTHEN; SANDERS; FITZPATRICK, 2004, p. 180). A opção por esta abordagem centrada em especialistas deu-se em função do caráter do estudo, essencialmente contributivo para o gestor/professor, por gerar a possibilidade de tomar decisões pertinentes relativas ao processo educativo, a partir dos resultados e recomendações do estudo.

De acordo com Worthen, Sanders e Fitzpatrick (2004), a abordagem centrada nos participantes “tem por finalidade observar e identificar todas as preocupações, problemas e consequências que são elementos integrantes das ações na área social”. A maioria dos defensores dessa abordagem considera crucial “o envolvimento significativo na avaliação daqueles são participantes da atividade que está sendo avaliada [...]” (WORTHEN; SANDERS; FITZPATRICK, 2004, p. 224).

A autora, ao optar por entrevistar especialistas, recolhendo o julgamento dos participantes através do registro, gravações e anotações, entendeu que esta abordagem permite “gerar informações úteis que ajudem os interessados a tomar decisões sobre o programa em suas diferentes fases.” (CHIANCA, 2011, p. 30). Também de acordo com Chianca (2011), este “é certamente o principal benefício que uma avaliação pode produzir”. Assim, a escolha a abordagem centrada em especialistas se justifica por permitir verificar em que medida o programa elaborado e utilizado pela autora, como professora do curso de Formação de Professores, atende às necessidades da formação, no quesito de desenvolver competências básicas para a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes.

Adotou-se uma abordagem de tipo qualitativa descritiva, por ser a mais adequada para tratar discursos. Nesta abordagem, “Os dados são recolhidos em forma de palavras

e não de números [...]” (BIKLEN; BOGDAN, 1994, p. 48). E ainda, segundo estes autores, a “[...] análise dos dados é realizada em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma com que estes foram registrados ou transcritos.” (BIKLEN; BOGDAN, 1994, p. 48).

QUESTÕES AVALIATIVAS

Este estudo avaliativo foi norteado pelas seguintes questões:

1. Até que ponto os conteúdos do programa da disciplina são adequados ao desenvolvimento das competências básicas em Libras necessárias à formação dos futuros docentes?
2. Até que ponto as estratégias e os recursos propostos no programa favorecem a aprendizagem dos conteúdos básicos de Libras?

PARTICIPANTES

Para efeitos deste estudo, foram considerados especialistas os profissionais que ministram a disciplina Libras em Cursos de Formação de Professores, nos níveis médio ou superior.

Para além dos especialistas, foi decidido incluir neste estudo outros interessados na qualidade da formação, os egressos e os estudantes concluintes em formação, como informantes complementares. Relativamente aos egressos do Curso de Formação dos Professores, optou-se por recolher o parecer de profissionais que, na sua docência, tenham tido contato com alunos surdos.

Como a autora administra, anualmente, aos alunos da disciplina Libras, um questionário de avaliação sobre a qualidade das aulas ministradas, decidiu-se, também, incluir neste estudo o questionário aplicado aos alunos que terminaram a disciplina Libras em dezembro de 2016. Este questionário contém dados relativos ao objeto deste estudo avaliativo e considerou-se que este público, ainda que não possa elaborar juízos de valor com fundamentação especializada, está interessado na melhoria da sua formação e da disciplina Libras e pode oferecer perspectivas complementares e sugestões válidas.

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS

Os instrumentos escolhidos para a coleta de dados foram a entrevista (com dois roteiros de entrevista),

• Os roteiros de entrevista

Segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 149) a entrevista, “é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

Os pontos de partida para orientar a construção das categorias foram os objetivos do estudo e suas questões avaliativas. A experiência da autora e professora da disciplina Libras no Curso de Formação de Professores e a contribuição dos professores de outras disciplinas e dos alunos do referido curso constituíram os conhecimentos de base para a criação das subcategorias e respectivos indicadores. Foram, assim, criadas as seguintes categorias e subcategorias:

1. Legislação: (a) Relevância; (b) Obrigatoriedade; (c) Carga horária.
2. Contexto da Formação: (a) Espaço e equipamentos adequados; (b) Profissionais; (c) Pré-requisitos.
3. Programa: (a) Conteúdos selecionados; (b) Estratégias utilizadas; (c) Recursos disponíveis.
4. Comunicação: (a) Com surdos; (b) Entre surdos e ouvintes; (c) Utilização das TIC.

Para as quatro categorias foram definidos os indicadores e, a partir destes, os itens dos roteiros de entrevista, a ser aplicado aos especialistas e aos egressos (Quadro 1).

Na primeira categoria Legislação, foram incluídos três indicadores, a saber:

- Relevância - diz respeito à importância que é conferida à disciplina Libras no curso de formação de professores, no que se refere à questão da intencionalidade e qualidade da formação dos futuros professores.
- Obrigatoriedade - respeita à adesão (ou não) dos entrevistados à legislação que determina a obrigatoriedade da inclusão na grade curricular do curso de formação de professores, nível médio e superior, uma disciplina denominada Língua Brasileira de Sinais.
- Carga horária - pretende saber opinião dos especialistas e dos egressos relativamente à carga horária de 80 horas, estabelecida pela Secretaria Estadual de Educação para a disciplina Libras, no Curso de Formação de Professores, nível médio.

Na categoria Contexto da Formação também foram incluídos três indicadores:

- Espaço e equipamentos adequados - incide sobre a opinião dos inquiridos sobre como deveriam ser equipadas as salas de aulas para esta disciplina.

- Profissionais - se refere à opinião dos especialistas sobre a formação necessária ao professor da disciplina Libras.
- Pré-requisito - refere-se à necessidade do professor precisar ou não de um aprendizado anterior para aprender a Libras.

Na categoria Programa, mais três indicadores foram incluídos:

- Conteúdos selecionados - refere-se à seleção de conteúdos básicos práticos, os sinais a serem ensinados e praticados pelos alunos nas aulas da disciplina Libras.
- Estratégias utilizadas - refere-se ao procedimento a ser utilizado pela professora, à forma de ensinar os conteúdos selecionados para as aulas.
- Recursos disponíveis - refere-se ao material a ser utilizado nas aulas da disciplina LIBRAS.

E na última categoria, Comunicação também foi incluído três indicadores:

- Com surdos - refere-se à língua de sinais, através da qual o surdo se comunica com outros surdos.
- Entre surdos e ouvintes - refere-se à utilização de Libras e da língua portuguesa, na comunicação entre surdos e ouvintes - a língua de sinais, visual-motora e a língua portuguesa, na modalidade escrita.
- Utilização das TIC - refere-se à utilização das tecnologias para facilitar a comunicação entre surdos e ouvintes.

Categorias	Indicadores	Itens do roteiro Especialistas	Itens do roteiro Egressos
Legislação	- Relevância	1	1
	- Obrigatoriedade	2	2
	- Carga horária	3 e 4	3
Contexto da Formação	- Espaço e equipamentos adequados	9	-
	- Profissionais	6,7 e 8	-
	- Pré-requisitos	5	4
Programa	- Conteúdos selecionados	10,11 e 12	5
	Estratégias utilizadas	13 e 14	6
	Recursos disponíveis	15 e 17	6
Comunicação	Com surdos	18	7
	Entre surdos e ouvintes	19	8
	Utilização das TIC	16	9

Quadro 1 – Categorias, indicadores e sua correspondência aos itens dos roteiros de entrevista

Fonte: A autora (2017).

• **Validação dos roteiros de entrevista**

Os roteiros de entrevista foram submetidos à apreciação de um profissional da área de Avaliação da Faculdade Cesgranrio, que verificou as suas características técnicas, além de atributos como clareza, pertinência, suficiência e ordem das questões. As sugestões de alteração foram acolhidas.

Foi também realizada uma primeira entrevista, como pré-teste, não se tendo verificado a existência de qualquer problema relativo à formulação das questões. O pré-teste foi realizado com professores das disciplinas Filosofia, História e Matemática do IERP, do Curso de Formação de Professores. A escolha destes professores para realização do pré-teste deve-se ao fato da experiência dos mesmos com alunos surdos incluídos em sala de aula.

O primeiro instrumento, o roteiro de entrevista aos especialistas consta de questões abertas e está dividido em três partes, a saber: a primeira parte destina-se a obter dados sobre a pessoa do entrevistado e sua experiência profissional; a segunda parte incide na disciplina Libras e sua função na formação, segundo a visão do especialista; e a última parte focaliza o Programa da disciplina Libras, na sua vertente prática. O segundo roteiro de entrevista, destinado aos egressos, é uma versão simplificada do roteiro anterior, constando de 12 questões.

• **O questionário**

O questionário foi elaborado pela autora, como docente, para avaliar a disciplina LIBRAS, como é feito anualmente, dirigido aos estudantes concluintes do 3º ano do IERP. A autora escolheu analisar a questão número cinco desse questionário, por compreender a sua relevância para este estudo avaliativo:

“Na disciplina Libras, gostaria de mudar ou acrescentar atividades, estratégias e/ou recursos para melhorar as aulas? Justifique sua resposta.”

Portanto, a opção justifica-se porque esta pergunta é a que concerne mais diretamente o objeto da avaliação.

Roteiro A de entrevista aos especialistas

I. Sobre a disciplina de Libras:

1. Do seu ponto de vista, qual a importância da disciplina Libras no Curso de Formação de Professores?
2. Concorda que a disciplina Libras seja obrigatória no Curso de Formação de Professores? Explique suas razões.

3. Acha que a carga horária da disciplina, de 80 horas de aulas é suficiente para que o futuro docente fique habilitado para uma adequada comunicação com o aluno surdo?
4. Em caso negativo, quantas horas sugere?
5. Considera que são necessários pré-requisitos do aluno em formação para a aprendizagem de Libras? Quais?
6. E para o professor, que formação acha que ele deve ter para ensinar Libras no Curso de Formação de Professores?
7. Além da formação, que outras características consideram que o professor da disciplina Libras precisa ter?
8. Considera importante a utilização, como recurso, de novas tecnologias nas aulas de Libras? Quais?
9. Como devem ser equipadas as salas de aulas para o ensino de Libras?

I. Sobre o Programa da disciplina Libras – Parte II

10. Relativamente ao programa que lhe foi apresentado, acha que, globalmente, a seleção dos conteúdos básicos é adequada para que os estudantes adquiram as competências em Libras necessárias ao desempenho de funções docentes?
11. No Programa, existem conteúdos que lhe parecem desnecessários, em função da carga horária (50h)? Quais?
12. Considera que existem conteúdos importantes em falta e que devem ser incluídos? Quais?
13. Do seu ponto de vista, as estratégias e os procedimentos didáticos indicados no Programa são adequados?
14. Pode sugerir outras estratégias para melhorar a qualidade do aprendizado de Libras?
15. Considera que os recursos indicados no Programa se adequam aos objetivos e estratégias delineadas?
16. Que outro material didático você recomendaria para ser utilizado como recurso nas aulas de Libras?
17. Acha que o contato dos formandos com pessoas surdas contribui para desenvolver as competências listadas no programa?
18. No âmbito da disciplina, parece-lhe que devem existir momentos de comunicação entre surdos e ouvintes?
19. Que recomendações ou sugestões deseja fazer para melhorar o Programa em

avaliação?

Roteiro B de entrevista aos egressos

I. Sobre a disciplina de Libras:

1. Acha importante para um professor do Ensino Fundamental conhecer a Libras?
2. Concorda que a disciplina Libras seja obrigatória no Curso de Formação de Professores?
3. Acha que a carga horária de 80 horas/aulas no Curso de Formação de Professores, nível médio, é suficiente para que o futuro docente fique habilitado para uma adequada comunicação com o aluno surdo?
4. Considera que são necessários pré-requisitos do aluno para a aprendizagem de Libras? Quais?

II. Sobre o Programa e as aulas de Libras:

5. Em sua opinião, os conteúdos básicos da disciplina são os necessários à sua formação?
6. Parece-lhe que as atividades realizadas na disciplina Libras desenvolveram as suas competências de comunicação com pessoas surdas?
7. Considera que os recursos utilizados nas aulas favoreceram a sua aprendizagem?
8. Considera importante a utilização de novas tecnologias, como recurso, nas aulas de Libras? Quais?
9. Se pudesse mudar alguma coisa para melhorar a disciplina Libras, o que escolheria?

III. Sobre a experiência pessoal com pessoas surdas

10. Tem ou teve alunos surdos? Como conseguiu se comunicar com eles? Teve dificuldades? Quais?
11. Que outros contatos tiveram com pessoas surdas? Conte suas experiências e aprendizagens?

APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS

Em junho de 2016, realizou-se o primeiro contato da autora, por *e-mail* e por telefone, a 10 especialistas: três surdos e sete ouvintes. O primeiro contato foi apenas uma conversa informal sobre o estudo avaliativo, tendo a autora explicado o objetivo da avaliação do programa e de como seria importante a contribuição de cada um. Os especialistas receberam uma carta convite, focando a relevância deste estudo avaliativo e garantindo o anonimato.

A autora recebeu por *e-mail* e pelo *whatsapp* a confirmação da participação de oito

especialistas; dois surdos e seis ouvintes. Quatro destes especialistas fizeram questão de parabenizá-la pela escolha do objeto de estudo.

Em seguida, os dois especialistas surdos receberam, por *e-mail*, o seguinte conjunto de documentos: o programa da disciplina Libras na vertente prática e as perguntas do roteiro de entrevista. Os especialistas surdos tiveram preferência em responder por *e-mail* às questões, visto que só utilizam a língua portuguesa na modalidade escrita. A autora disponibilizou o seu número referente ao *whatsapp* para eventuais dúvidas que pudessem surgir.

Os demais especialistas concordaram em responder às questões do roteiro de entrevista pessoalmente. Os especialistas ouvintes também receberam o programa da disciplina Libras na vertente prática, por *e-mail*, para que o pudessem ler antecipadamente.

Foram entrevistados professores surdos e ouvintes que ministram a disciplina Libras, no Curso de Formação de Professores, nível médio e superior; professores surdos que ensinam a Libras para ouvintes e surdos nos cursos de graduação de pedagogia e licenciaturas; e um professor ouvinte que trabalha em sala de recursos, realizando um trabalho paralelo à sala regular, com alunos surdos. As entrevistas foram realizadas no local de trabalho de seis especialistas, quais sejam: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica; Rede Municipal de Ensino em Nova Iguaçu; Instituto de Educação Rangel Pestana em Nova Iguaçu; Instituto Benjamin Constant, na Urca; Instituto Nacional de Educação Para Surdos, em Laranjeiras; e Faculdade de Belford Roxo, em Belford Roxo. As entrevistas foram previamente agendadas em horário disponibilizado pelos mesmos. Foram gravadas, pela autora, com apoio do celular, para facilitar a transcrição das mesmas.

Após o término de cada entrevista, gravada e também anotada, a autora fez a sua transcrição. Nela, cada especialista é identificado por uma letra do alfabeto de A até H, totalizando oito especialistas. Para além das falas gravadas, a transcrição das entrevistas registrou, também, as expressões de contentamento, de dúvida, dos entrevistados, assim como as suas reflexões sobre o roteiro de entrevista.

Em julho desse ano, a autora realizou a primeira das entrevistas a especialistas e só conseguiu concluí-las em dezembro do mesmo ano. A autora considerou que ter conseguido a participação e contribuição empenhada de oito especialistas foi um bom resultado, visto que estes especialistas são pouco numerosos e que, de acordo com Lynn (1986, apud WORTHEN; SANDERS; FITZPATRICK, 2004), em relação ao número dos juízes especialistas participantes do processo avaliativo, é recomendável um mínimo de cinco e um máximo de 10 pessoas.

Relativamente ao estabelecimento de contato com os egressos, a autora contou com a ajuda dos estudantes concluintes do 3º ano do curso de formação de professores do IERP, que proporcionaram o contato telefônico de três egressos; o quarto egresso

foi encontrado, casualmente, no transporte público e o quinto egresso, no próprio IERP, quando este foi solicitar uma declaração de conclusão do curso.

Para cada um deles, a autora fez o convite e explicou a importância da sua contribuição neste estudo avaliativo. Os egressos aceitaram participar e escolheram os lugares onde poderiam ser entrevistados. Três egressos foram entrevistados no IERP. Em conversa com um dos egressos, este mencionou que “a entrevista poderá ser no próprio Instituto, assim matarei as saudades do colégio e dos professores” (Egresso 5). Apenas dois egressos tiveram preferência por serem entrevistados nos seus locais de trabalho.

Os egressos receberam: uma carta convite destacando a importância deste estudo avaliativo e garantindo o anonimato; o programa, para lembrar os conteúdos, as estratégias, os procedimentos didáticos e os recursos que foram utilizados nas aulas da parte prática da disciplina Libras, quando ainda eram alunos do IERP.

As entrevistas com os egressos foram realizadas no período entre os meses de outubro e dezembro de 2016. Nas transcrições cada egresso foi identificado por um número, de um a cinco.

Por questões éticas, todos os participantes deste estudo avaliativo tiveram seu anonimato garantido.

ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados nas entrevistas foram tratados da seguinte forma: leitura de todas as transcrições; marcação utilizando cores diferentes nas respostas de cada item do roteiro de entrevistas; a análise das respostas correspondentes a cada categoria; criação de subcategorias e sua representação gráfica, para facilitar a análise qualitativa; repartição das expressões sublinhadas, em função do objetivo proposto e das questões avaliativas.

As respostas, tanto dos especialistas, quanto dos egressos foram comparadas. Em seguida, foi feita a classificação dos dados segundo as subcategorias criadas. Para finalizar foi feito um registro, respeitando as ideias, as opiniões e o julgamento de todos os especialistas e os egressos.

Quanto à questão número 5 do questionário aplicado aos concluintes da disciplina Libras, sobre o que gostaria de mudar ou acrescentar atividades, estratégias e/ou recursos para melhorar as aulas, suas respostas foram analisadas qualitativamente. As respostas registradas pelos alunos continham sugestões e recomendações para rever o programa e melhorar a formação dos futuros docentes

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

CARATERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

• Especialistas

O primeiro bloco de questões do roteiro de entrevista destinou-se a caracterizar os especialistas, para obter informações sobre sua idade, formação, tempo de experiência com a disciplina Libras e tempo total de experiência com a educação de pessoas surdas.

Faixa de idade	Nº de especialistas				
	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Total
30 – 39	-	1	3	-	4
40 – 49	-	-	-	1	1
50 – 59	1	1	-	-	2
60 ou mais	-	-	1	-	1
Total	1	2	4	1	8

Tabela 1 – Especialistas por idade e titulação

Fonte: A autora (2017).

Dos oito especialistas entrevistados, sete são do sexo feminino e um do sexo masculino, seis especialistas são ouvintes e dois são surdos, situando-se todos na faixa etária entre os 30 e 60 anos; quase todos possuem titulação além da graduação, com predominância em especialização (2) e Mestrado (4) e um especialista com o grau de Doutorado (Tabela 1).

Tempo de trabalho	Especialistas
Até 5 anos	1
De 6 a 10 anos	3
De 11 a 20 anos	2
De 21 a 30 anos	1
Mais de 31 anos	1
Total	8

Tabela 2 –Tempo de experiência dos especialistas em cursos de formação

Fonte: A autora (2017).

Na Tabela 2, observa-se que os especialistas têm experiência em Cursos de Formação de Professores, na disciplina Libras, nos níveis médio e/ou superior, encontrando-se cinco deles na faixa de seis a 20 anos de docência.

Tempo de trabalho	Especialistas
Até 5 anos	3
De 6 a 10 anos	3
De 11 a 20 anos	1
Mais de 21anos	1
Total	8

Tabela 3 - Tempo de experiência dos especialistas na educação de pessoas Surdas

Fonte: A autora (2017).

Na Tabela 3, observa-se que os especialistas possuem também significativa experiência na educação de pessoas surdas, nas redes de ensino.

• Os egressos

A primeira parte do roteiro de entrevista aos egressos também foi dedicada à sua caracterização, considerando a idade e o tempo de experiência na educação de pessoas surdas.

Idade	Feminino	Masculino	Total
18 anos	1	-	1
19 anos	1	-	1
20 anos	1	1	2
21 anos ou mais	1	-	1
Total	4	1	5

Tabela 4 – Egressos por sexo e idade

Fonte: A autora (2017).

Foram entrevistados cinco egressos, quatro do sexo feminino e um do sexo masculino, que se situam na faixa etária entre os 18 e os 21 anos (Tabela 4).

Tempo de experiência	Egressos
1 ano	2
2 anos	1
3 anos	1
4 anos ou mais	1
Total	5

Tabela 5 - Tempo de experiência dos egressos na educação de pessoas surdas

Fonte: A autora (2017).

Os egressos concluíram o Curso de Formação de Professores no IERP, entre os

anos 2011 a 2015, e estão iniciando sua experiência em regência de turmas com alunos surdos incluídos; portanto, têm apenas entre dois a cinco anos de magistério, como se visualiza na Tabela 5.

- **Os estudantes concluintes**

O questionário contendo 12 questões foi entregue a 180 estudantes concluintes do Curso de Formação de Professores do IERP.

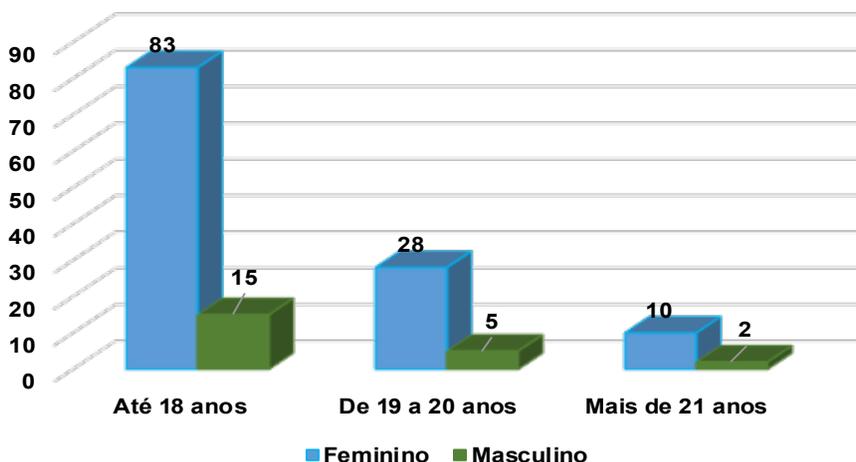


Gráfico 1 – Caracterização dos alunos por idade e sexo

Fonte: A autora (2017).

Dos 180 questionários entregues, 143 foram devolvidos. A maioria dos alunos respondentes é do sexo feminino, com idades entre 16 a 20 anos (Gráfico 1).

ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ESPECIALISTAS

Legislação

- **Importância da disciplina Libras**

Na análise realizada pela autora, constatou-se na questão número um do roteiro A (Do seu ponto de vista, qual a importância da disciplina Libras no Curso de Formação de Professores?) que todos os especialistas julgaram ser muito importante a aprendizagem de Libras, no curso de formação de professores, tanto a nível médio quanto a nível superior. Os oito especialistas deram respostas muito parecidas, relatando o quanto acreditavam ser fundamental esta disciplina para uma formação de mais qualidade para os futuros docentes:

“Isso faz toda a diferença! No nosso tempo não tivemos esta oportunidade, não tínhamos na formação esse conhecimento” (ESPECIALISTA E).

“É extremamente importante porque, na maioria das vezes, é o primeiro contato dos futuros docentes com a surdez” (ESPECIALISTA D).

É fundamental que o aluno em formação tenha conhecimento desta língua, que foi oficializada e reconhecida, em abril do ano 2002, para que possa, quando regente de uma turma, acolher, interagir, entender e ensinar o aluno surdo, de preferência incluído na rede regular de ensino. (ESPECIALISTA B).

Sim, de um modo geral, dentro do que a gente chama de um contexto de inclusão, a surdez é a deficiência que tem a maior possibilidade de desenvolvimento acadêmico. Contudo é uma das deficiências que tem mais dificuldade prática de transferência desse conhecimento, por causa da distinção linguística. (ESPECIALISTA H).

O especialista A, além de considerar muito importante, acha que a Libras deveria estar presente desde as séries iniciais da educação infantil e do ensino fundamental, segundo ele “para facilitar a aprendizagem e a fluência da língua e melhorar a forma dos ouvintes se relacionarem com pessoas surdas”.

• **Obrigatoriedade da disciplina**

Na questão dois (Concorda que a disciplina Libras seja obrigatória no Curso de Formação de Professores? Explique suas razões), todos os especialistas entrevistados consideraram relevante à obrigatoriedade da mesma no referido curso, visto que a aprendizagem desta língua, além de poder contribuir para melhorar a qualidade da formação dos futuros docentes, pode facilitar o processo de inclusão de pessoas surdas na rede regular de ensino e em todos espaços sociais. A autora observou que, além das expressões verbais, os especialistas ouvintes utilizaram expressões faciais (sorrisos), balançando a cabeça afirmativamente, enfatizando o sim. As falas são extensas e vigorosas:

Como já dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade, no nosso país, onde “as leis não bastam”, torna-se necessário além da obrigatoriedade, a fiscalização. Só desta forma, poderemos garantir direitos a pessoas surdas e para outras classes menos favorecidas” (ESPECIALISTA F).

Conforme já sabemos, a história de luta dos surdos é marcada por muitas injustiças. Esse é um dos motivos pelos quais eu considero necessário a obrigatoriedade da aprendizagem da língua de sinais nos cursos de formação de professores nos níveis médio e superior; e também em cursos de graduação, como fonoaudiologia, psicologia e outros cursos de ensino médio e de graduação (ESPECIALISTA G).

“Eu queria dizer que deveria ser automático, que não fosse preciso ser obrigatório e que todo mundo deveria ter a consciência da importância do processo de inclusão, mas não

é o que acontece. Então, cria-se a obrigatoriedade de se garantir isso.” (ESPECIALISTA H).

O especialista B também concorda com a obrigatoriedade: “Claro que concordo que a disciplina Libras seja obrigatória nos Cursos de Formação de Professores” e afirma: “É fundamental que o aluno em formação tenha conhecimento desta língua para que ele possa se qualificar, interagir, entender e acolher os alunos surdos”.

• **Carga horária da disciplina**

Na questão três do roteiro A, a autora perguntou aos especialistas se achavam que a carga horária da disciplina Libras, de 80 horas/aulas, era suficiente para que o futuro docente desenvolvesse competências para uma adequada comunicação com alunos surdos incluídos. Apenas dois especialistas responderam sim, dizendo que 80 horas eram suficientes para aprendizagem de Libras. Mas, mesmo estes, concordam que a carga horária pode ser ampliada, caso seja possível.

O especialista H diz que: “Eu acredito que 80 horas sejam suficientes para você trabalhar a intenção real da disciplina de Libras, que é a sensibilização e o conhecimento básico. Eu acho suficiente” e explica por que:

na graduação, por exemplo, eu trabalho verbos, trabalho cores, sentimentos, família e, às vezes, não dá tempo de trabalhar animais, meios de transporte, especialmente porque eu destino uma carga horária, um tempo para trabalhar a história da surdez, a legislação, a parte teoria, que é também, muito importante.

“Achei boa esta carga horária. Na graduação não é muito diferente” (ESPECIALISTA G).

Os demais especialistas disseram que o tempo destinado não era suficiente:

“Não se aprende uma língua em 80 horas, mesmo que façam como no inglês e francês, um curso que seja instrumental.” (ESPECIALISTA A). Este especialista sugeriu que a Libras acompanhasse as três séries do Curso de Formação de Professores, desde o primeiro ano, igual à língua portuguesa que acompanha todas as séries e completou dizendo: “é uma língua e não uma linguagem. O aluno ouvinte precisa estar inserido num ambiente linguístico, de preferência no contexto o qual o surdo está inserido”.

O especialista B diz: “em minha opinião, a carga horária deveria ser ampliada. Talvez começar mais cedo, de preferência deste os anos iniciais”.

O especialista F, em sua fala, diz: “não acredito que 80 horas possa ser suficiente”. Mas entende que deve aproveitar todas as horas disponíveis: “Talvez para ter um pouco do conhecimento básico, conhecer a história da surdez, das lutas das pessoas surdas no país e no mundo. Mas com certeza é um grande começo”. E completa, dizendo: “Não tínhamos nada”. Quando fiz meu curso de graduação não tive conhecimento de Libras”.

• Alternativas sugeridas

A questão quatro pede aos especialistas uma sugestão a respeito da carga horária da disciplina Libras, caso não tenham concordado com as 80 horas.

O especialista A acha que “deveria estar presente na escola desde as séries iniciais da educação infantil e do ensino fundamental, para explicar esta forma de se relacionar com o surdo”. Completa sua fala dizendo: “Eu advogo uma carga horária maior no ensino médio e também no ensino superior. A Libras não é uma disciplina é uma língua oficial. Esta carga horária é muito pequena.”

Foi sugerido, pelo especialista C, “aumentar a carga horária em pelo menos mais 30 horas/aulas, totalizando 110 horas/aulas.” Explica que: “Só desta forma, os alunos em formação poderiam aprender pelo menos o básico dos sinais de Libras”

Na opinião do especialista D, “a LIBRAS deveria ser inserida desde o 1º ano do Curso de Formação de Professores e não apenas no 3º ano, visto que a Libras é a 2ª língua dos ouvintes e a 1ª língua dos surdos.”

“Em minha opinião, a carga horária deveria ser ampliada. Talvez começar mais cedo, de preferência deste os anos iniciais. Sugiro, pelo menos, ampliar no curso de formação”(ESPECIALISTA B).

Para além destas sugestões de ampliação da carga horária, também foi dito pelo especialista E: “Eu não fico presa às 80 horas. É como despertar para a vida inteira. Se ele adquire essa postura, essa consciência vai levar isso para a vida inteira. Acredito que é preciso buscar e aprimorar sempre”.

Contexto da Formação

• Pré-requisito

A questão cinco do roteiro A refere-se à necessidade de ter um pré-requisito para aprendizagem de Libras. As opiniões foram divididas: quatro especialistas (A, B, E, H) disseram que não há necessidade de ter uma aprendizagem anterior. Explicaram que o mais importante seria o desejo e a vontade de querer aprender:

“Não acho que seja necessário um pré-requisito. É igual aprender a língua portuguesa ou uma língua estrangeira. É preciso apropriar-se dela” (ESPECIALISTA B).

O especialista E disse: “Eu não concordo que sejam necessários pré-requisitos para aprendizagem de Libras. Tive muito interesse e fiz um curso no INES, isto foi muito promissor!” O especialista E completou sua opinião, dizendo: “Você precisa querer, você tem que desejar!” E ainda afirmou: “Se você se interessa por esta dinâmica, por esse aprendizado, vai garantindo isso.” Enquanto falava o especialista gesticulava com muita firmeza e a sua expressão facial reforçava a sua fala.

“Acho que o único pré-requisito é a vontade, é o interesse. Não tem nenhum pré-

requisito específico. A vontade, na minha opinião é 90%, o interesse de ter aquisição da língua, como em qualquer língua, é fundamental.” (ESPECIALISTA H).

O especialista A não considera necessário a exigência de um pré-requisito, mas acredita que a disciplina Libras se deva iniciar pela história da surdez: “É uma história lindíssima, mas de muita luta e de muito sofrimento.”

Os outros quatro especialistas (C, D, F, G) concordam que deve haver um pré-requisito para aprendizagem de Libras: segundo o especialista F “quanto mais conhecimento anterior, melhor será para facilitar novas aprendizagens.”

Sim, é preciso um pré-requisito para a aprendizagem de Libras. Considero importante um trabalho anterior como, por exemplo, trabalhar lateralidade, a expressão facial e corporal. Enfim, um conhecimento corporal desde a infância. Quanto mais cedo trabalharmos o conhecimento corporal, mais fácil será para apropriar-se de Libras. (ESPECIALISTA D).

É também esta a opinião do especialista G:

A expressão na aprendizagem de Libras, é como se fosse a entonação utilizada na língua portuguesa. Sem expressões, principalmente faciais, a frase e o texto ficam sem sentido. É como se fosse uma frase sem pontos, vírgulas, exclamações e interrogações.

O especialista C disse que “antes, os alunos, precisam conhecer a cultura surda”. A entrevistadora explicou que este conteúdo já está inserido na parte teórica do programa da disciplina Libras, que é trabalhada em simultâneo com o aprendizado da língua.

• **Formação do professor de Libras**

Na questão seis, foi perguntado aos especialistas, qual seria, a formação ideal para o professor de Libras do Curso de Formação de Professores. Os respondentes desconheciam se existe, atualmente, na legislação, uma exigência para esta formação, mas deram várias opiniões e sugestões:

“Todo professor/instrutor de Libras precisa ter uma formação em nível superior, de preferência Letras/Libras ou pedagogia/Libras.” (ESPECIALISTA G).

“A formação do professor deve ser em nível superior, de preferência na área da educação e em cursos de especialização na língua de sinais.” (ESPECIALISTA B).

O especialista D, disse que seria necessário o PRÓ-LIBRAS e além desta formação, o professor que pretende ministrar aulas desta disciplina “deve ter contato com a comunidade surda, para ampliar os sinais da Libras, melhorar a fluência e a agilidade da língua”.

“Ainda não temos muita gente formada nesta área: a lei que reconhece e oficializa a Libras é do ano 2002; então, é mais uma questão da proficiência e do notório saber, das especializações em Libras ou letras/Libras” (ESPECIALISTA H).

Todos concordam que o professor da disciplina Libras deve ter uma formação

em nível superior, em qualquer área do conhecimento, mas além dessa formação, seria necessário estar inserido em uma comunidade surda ou ter contato com pessoas surdas diariamente. Segundo os especialistas, o contato com pessoas surdas seria a base para que o professor desta disciplina pudesse “ensinar” a Libras com mais qualidade.

Segundo o especialista E,

para ser professor da disciplina Libras, ele precisa ter todo um conhecimento histórico, teórico, além da prática na língua para ter desenvoltura. Porque o aluno está ali, todo interessado, querendo; precisa ter essa formação. Ou ter tido dentro da licenciatura uma disciplina que discuta a historização.

Completo, dizendo que “é muito importante ter disponibilidade (para) continuar a aprender e a trocar experiências com seus pares. Precisa se identificar, gostar. Assim, fará isso de forma apaixonante.”(ESPECIALISTA E).

• **Outras características do professor de Libras**

Na questão sete, a autora perguntou aos especialistas quais seriam as características mais importantes para um professor da disciplina Libras, além da formação acadêmica. Os especialistas concordam que é muito importante gostar, demonstrar amor pela profissão, mas ressaltaram a importância da formação continuada ou formação em serviço. Segundo a maioria dos especialistas, não existe excelência sem estudar e sem amor pela profissão:

“Em primeiro lugar, a principal característica é o amor! Deve ter paixão pelo que faz”. “A paixão demonstrada pelo professor é um excelente estímulo” (ESPECIALISTA A).

“Além da formação acadêmica, acima de tudo, precisa gostar, ter interesse e buscar sempre novas formações e ter humildade para aprender” (ESPECIALISTA B).

“Faz parte da característica essencial ao professor/ instrutor de LIBRAS, “despertar o desejo” nos alunos ouvintes, incentivando a aprendizagem de uma nova língua, de forma bem criativa, lúdica e fundamentada” (ESPECIALISTA G).

O especialista H acha que: “uma característica essencial, não só para o professor da disciplina Libras, mas para o professor que vai trabalhar em qualquer área da educação, é o que chamamos de ter o pé na escola” e explicou esse termo: “Estar praticando, exercendo a função de professor em sala de aula”.

Para o especialista E, “Ele tem que se identificar, tem que gostar. Assim vai fazer isso de forma apaixonante. Quando o aluno descobre que você tem verdade, que você acredita, que defende e veste a camisa, é diferente.”

Segundo o especialista F, “Uma característica essencial no professor para ensinar Libras, é a sua capacidade de buscar novos conhecimentos, novas estratégias, novos caminhos. Sempre pronto a inovar e a pesquisar.” E completa afirmando: “A formação continuada deve ser uma constante na vida de todos os atores envolvidos no processo

educativo”.

• **Importância da utilização das TIC**

A questão oito questiona qual a importância da utilização, como recurso, das novas tecnologias nas aulas de Libras. Todos os especialistas concordaram que o uso da tecnologia é fundamental, não só nas aulas da disciplina Libras, mas em todas as disciplinas e que “pode ser um facilitador, desde que bem utilizada” (ESPECIALISTA C).

“A tecnologia por ser um aparato visual pode contribuir e oportunizar o aprimoramento da língua, que é visual motora” (ESPECIALISTA D).

O especialista A refere que “O sujeito surdo já está inserido neste contexto. Eles são apaixonados pela tecnologia”.

“O surdo já nasce na tecnologia. Eles adoram isso! O uso dos celulares, do computador com acesso à Internet, etc. Eles utilizam estas ferramentas no seu dia-a-dia. A possibilidade de trazê-las para sala de aula pode ser muito motivador.” (ESPECIALISTA F).

“Todos os surdos se comunicam através dos textos em seus celulares, através do *whatsApp*, até mesmo na sala de aula.” (ESPECIALISTA G).

• **Equipamento da sala de aula**

Na questão número nove do roteiro A, sobre como deve ser equipada e organizada a sala de aula para o ensino de Libras, os especialistas deram várias sugestões:

O especialista G afirmou que “a organização de sala para as aulas da disciplina LIBRAS é fundamental para incentivar e motivar os alunos. O uso das tecnologias, como: a TV, o *data show*, computador com acesso à *Internet*, celulares pode facilitar muito a aprendizagem de Libras”.

“Devemos deixar um espaço na sala de aula para colocar um mural com as letras do alfabeto manual dos surdos, entre outros sinais importantes.” (ESPECIALISTA H).

Outros especialistas assinalaram: “Na sala de aula vamos construindo aos poucos, com os próprios alunos. Temos uma cultura de que tudo precisa estar pronto. Acho que podemos ir construindo o espaço com os alunos.” E ainda afirma que: “Eles precisam ter uma percepção de como esse sujeito vive. Se eu trago tudo pronto, não permito a descoberta.” Conclui, explicando que “É igual ao Jardim de infância, sala começa vazia, depois vamos construindo com os alunos. Com ouvintes aprendendo Libras, começamos com o silêncio. Meu olhar é muito em relação ao outro. O sujeito surdo não tem a minha cultura.” (ESPECIALISTA A).

A sala pode estar vazia, o mais importante é proporcionar a aprendizagem através do interesse e da participação dos alunos. A troca de experiências entre os alunos é essencial, muito mais do que uma sala toda arrumada. Claro que uma sala agradável, bem arrumada, com trabalhos expostos dos alunos também irá colaborar com a aprendizagem. (ESPECIALISTA F).

Programa

• Conteúdos do programa

A questão 10 refere-se ao programa, objeto deste estudo avaliativo, incidindo sobre os conteúdos básicos práticos. Pergunta-se se eles são adequados para desenvolver as competências de Libras, necessárias ao desempenho de funções docentes com alunos surdos incluídos na rede regular de ensino. Todos os especialistas concordaram que os conteúdos selecionados estão adequados, afirmando:

Quanto ao programa considero que está adequado, pela minha própria experiência, principalmente o trabalho com as ações. Elas transmitem as questões dos movimentos. O surdo ama movimento. É um programa básico, mas está adequado para que o ouvinte inicie uma conversação básica com pessoas surdas. (ESPECIALISTA A).

“Os conteúdos estão ótimos, mas sempre podemos acrescentar mais, depende do momento da aula e dos alunos.” (ESPECIALISTA C).

Gostei muito do Programa que você elaborou, até quero uma cópia. Eu trabalho na sala de recursos, com surdos e seria muito bom. Sempre podemos melhorar ou acrescentar, mas percebo que está muito bem organizado. Não precisa retirar nada. Se possível, se a carga horária fosse ampliada, poderia até acrescentar mais conteúdos. (ESPECIALISTA B).

Os especialistas H, G e F também gostaram do programa, disseram que está adequado e ainda deram algumas sugestões:

“Está adequado sim. A minha preocupação é de conseguir contemplar isso dentro dos bimestres. Eu daria a sugestão de colocar o(s) conteúdos dos dias da semana e meses do ano junto com hora/tempo, ficaria tudo junto, assim ganharia tempo.”(ESPECIALISTA H).

“O programa é bom. Me parece um pouco extenso. Mas de forma organizada pode ser bem trabalhado.” (ESPECIALISTA G).

Para o especialista F, “O programa que você elaborou está muito bom. Talvez deva organizá-lo junto com a turma, um planejamento participativo. Os alunos têm ótimas sugestões. Aproveitar situações de vida, do contexto dos alunos.” (ESPECIALISTA F).

• Conteúdos desnecessários

A questão 11 questiona se existem no programa, conteúdos desnecessários, em função da carga horária e todos os especialistas concordam que não há nenhum conteúdo desnecessário.

“O programa está ótimo, nada é desnecessário, ao contrário pode-se acrescentar mais, tudo depende do tempo, da ampliação da carga horária.” (ESPECIALISTA D).

“Não acho que deva retirar nenhum dos conteúdos que selecionou neste programa, todos são básicos. O conteúdo está bem distribuído.” (ESPECIALISTA A).

O especialista H concorda com os conteúdos indicados, mas ainda assim, disse que: “poderia priorizar as profissões relacionadas ao contexto escolar.”

• **Conteúdos em falta no programa**

Na questão 12 (Considera que existem conteúdos importantes em falta e que devem ser incluídos? Quais?), os especialistas referem:

“Conteúdos em falta? Eu acrescentaria um conhecimento mais geral, como por exemplo, a história da surdez.” (ESPECIALISTA C).

“Eu acrescentaria a parte Histórica do programa.” (ESPECIALISTA E). Expliquei que, na parte teórica do currículo mínimo, está inserida a parte histórica.

“Que ótimo! Então, está muito bom.” (ESPECIALISTA E).

“Acho importante o diálogo, em situações de vida.” (EPECIALISTA A).

O especialista F achou importante acrescentar ao programa “os sinais dos municípios, dos bairros, dos estados, do país.” Explicou que: “Está dentro do contexto deles. Sempre que o país ou o Rio de Janeiro tiver um tema em destaque, pode acrescentar também.” Citou como exemplo: as olimpíadas, as eleições e outros temas do momento.

“Acho interessante trabalhar mais o cotidiano, ampliando frases e textos. Aulas onde os alunos possam ampliar o diálogo em Libras, mais trabalho com a expressão corporal e facial, além da lateralidade.” (ESPECIALISTA D).

• **Estratégias e procedimentos didáticos**

Na questão 13, a entrevistadora pergunta aos especialistas se as estratégias e procedimentos didáticos indicados no programa são adequados. O especialista F afirma: “Gostei das suas estratégias e recursos. Pode ampliar o trabalho com dramatizações e conhecimento corporal. Aulas práticas são mais prazerosas, é uma boa tentativa de seduzir os alunos”.

O especialista A disse: “Eu me preocuparia com a aplicação, em como utilizar o vocabulário. Explorar bem o diálogo. Eu vi que você utiliza estas estratégias. É isso mesmo, criar situações do cotidiano”. E fez questão de afirmar que “As estratégias de apresentação estão corretas. A minha preocupação é não deixar o conteúdo muito estático.”

“As estratégias e os recursos também estão de acordo. Trabalhar com músicas e histórias é bem legal, é divertido. Os alunos gostam muito, sejam eles ouvintes ou surdos. Tudo pode ser bem dinâmico e prazeroso.” (ESPECIALISTA B).

“Gostei muito das estratégias e dos recursos utilizados, não mudaria nada.” (ESPECIALISTA D).

“As estratégias e os recursos estão adequados. Utilizo poesias e dramatizações em minhas aulas na graduação. Poesias, músicas, histórias contadas pelos surdos, em LIBRAS é fundamental.” (ESPECIALISTA G).

• **Sugestões de estratégias**

Na questão 14, a entrevistadora, pede sugestões de outras estratégias para melhorar a qualidade do aprendizado de Libras. Os especialistas não deram novas sugestões, apenas concordaram com as estratégias já registradas no programa:

O especialista B acha que as estratégias foram bem selecionadas: “As estratégias e os recursos também estão de acordo. Acredito que deva continuar a trabalhar com músicas, poesias e histórias. Os alunos gostam muito, sejam eles ouvintes ou surdos. Estas estratégias são bem dinâmicas!”

“As estratégias e os recursos estão adequados. Utilizo poesias e dramatizações em minhas aulas na graduação. Poesias, músicas, histórias contadas pelos surdos, em LIBRAS é fundamental.” (ESPECIALISTA G).

• **Recursos indicados no programa**

A questão 15 questiona se os recursos indicados no Programa se adequam aos objetivos e estratégias delineadas.

Os especialistas mencionaram na questão anterior que os recursos utilizados estão adequados. Apenas o especialista A explicou que a seleção prévia dos recursos a serem utilizados nas aulas podem determinar o sucesso das mesmas.

Os recursos como a TV, o *datashow*, o computador, o *tablet*, o celular, estão adequados, mas eles precisam ser selecionados previamente, de modo que durante as aulas estejam disponíveis e em boas condições. É até uma forma de trazer para a sala de aula pessoas se comunicando, contando histórias, declamando poesias, cantando músicas na língua de sinais. (ESPECIALISTA A).

• **Sugestões de material didático**

Na questão 16, a entrevistadora pergunta que outro material didático os especialistas recomendariam para ser utilizado como recurso nas aulas de Libras.

Apenas o especialista A não sugeriu nenhum material didático. Os outros especialistas sugeriram:

- material da editora Arara Azul: cds, vídeos, livros, jogos (ESPECIALISTA B);
- TV e todo o material utilizado pelo INES (ESPECIALISTAS C e D);
- a história *Meu Amigo Diferente*, da Paula Werneck (ESPECIALISTA E);

- leitura de contos, de reportagens, de livros com histórias reais de surdos no país e no mundo, como exemplo, histórias da Helen Keller, da Emanuelle Laborit, etc. (ESPECIALISTA F);
- Os livros da Márcia Honora (ESPECIALISTA G);
- Livro e CD da FENEIS - Libras em contexto (ESPECIALISTA H).

Comunicação

• Contato com pessoas surdas no cotidiano e na sala de aula

A questão 17 questiona se o contato dos alunos do Curso de Formação de Professores com pessoas surdas poderá contribuir para desenvolver as competências listadas no programa.

Todos os especialistas estão convencidos de que o contato com pessoas surdas poderá facilitar o aprendizado da língua de sinais, além de torná-la mais fluente.

“O contato com pessoas surdas é fundamental.” (ESPECIALISTA A).

O contato com as pessoas surdas dentro e fora da escola seria o ideal para desenvolver a comunicação. A experiência de convivência com eles, com a família e talvez até com uma comunidade surda poderá contribuir positivamente para desenvolver a Libras e tornar a comunicação mais fluente. (ESPECIALISTA B).

“Ótimo, necessário! O contato entre surdos e ouvintes pode aprender mais fácil.” (ESPECIALISTA C).

“O contato com pessoas surdas na comunidade surda pode ajudar muito no desenvolvimento da aprendizagem de Libras” (ESPECIALISTA D).

“O contato com o surdo ajudaria muito a desenvolver as competências necessárias à comunicação, porque este contato é natural, é uma troca. Todos ganham. Eu ganho, eles ganham.” (ESPECIALISTA E)

“Sem dúvida nenhuma, o contato com a comunidade surda pode facilitar o entendimento dos movimentos dos sinais. No início pode assustar um pouco, por conta da agilidade dos surdos em fazer os movimentos e nas expressões faciais.” (ESPECIALISTA F).

“O contato as pessoas surdas, com a comunidade surda é muito importante, mas é preciso saber como lidar com isso. Nem sempre, os surdos, sentem-se à vontade na presença dos ouvintes. Tudo é uma questão de respeito e acolhimento.” (ESPECIALISTA G).

O contato com pessoas surdas é essencial. Não é só com Libras. Como em qualquer língua. Você pode fazer 10 anos de inglês no *CCAA*, você só vai aprender quando você estiver em Nova Iorque, com fome e precisar comprar um cachorro quente. Toda língua é a prática. Qualquer coisa que você faz é muito focado na teoria. Mesmo que você tenha conversação no curso, o que te faz aprender mesmo é a prática. (ESPECIALISTA H).

- **Contato com pessoas surdas na sala de aula**

À questão 18 (No âmbito da disciplina, parece-lhe que devem existir momentos de comunicação entre surdos e ouvintes?), os especialistas responderam:

Eu introduzia as pessoas na Libras de forma bem lúdica. Eu sou uma pessoa a favor do lúdico. Acho que tudo pode virar uma grande brincadeira. Utilizar os vídeos, uma vez que você não terá as pessoas surdas na sala de aula. Podemos trazê-las através dos vídeos. Eles são usuários do *Whatsapp*, *facebook*, aplicativos, etc. Podemos trabalhar com tudo que possa facilitar a comunicação.” (ESPECIALISTA A).

“Seria bom ter surdos participando com a turma ou ir visitá-los. O ideal seria os surdos estarem inseridos na própria turma.” (ESPECIALISTA B).

“Como eu já disse, considero muito importante o contato com pessoas surdas dentro e fora da sala de aula. Recomendo convidar pessoas surdas, para fazerem relatos em Libras, conversarem com a turma em Libras” (ESPECIALISTA D).

“Aprendemos muito mais quando praticamos. Inclusive na própria sala de aula com surdos também incluídos no Curso de Formação de Professores. Seria excelente!” (ESPECIALISTA F).

- **Recomendações e sugestões**

A questão 19 pede aos especialistas recomendações e sugestões para melhorar o programa da parte prática da disciplina Libras.

Alguns especialistas reforçaram as suas sugestões sobre os recursos a utilizar, já referidas na questão 6.

O contato com pessoas surdas foi à recomendação mais citada por todos os especialistas.

O especialista D recomendou a utilização do dicionário online, do INES, como um bom recurso e o uso de aplicativos que ajudam na tradução dos sinais de Libras, que podem ser baixados nos celulares dos alunos.

O especialista F adicionou:

Recomendo aulas onde a teoria e a prática possam andar em sintonia. Os alunos aprendem quando estão interessados e motivados. Penso que seria muito bom utilizar como recursos, tecnologias audiovisuais, além de livros, jogos pedagógicos, revistas, jornais, etc.

Poesias, músicas, histórias contadas pelos surdos, em Libras é fundamental. Pode-se utilizar o material oferecido pelo INES, como por exemplo, a TV INES, os vídeos do *youtube*, desde que previamente selecionados. Todas esses recursos podem ser viabilizados com os recursos tecnológicos. (ESPECIALISTA G).

Outros especialistas fazem sugestões globais:

“É como no inglês, precisamos ter contato com pessoas que utilizam a língua o tempo todo.” (ESPECIALISTA A).

“Eu faria contato com o NAPES – Núcleo de atendimento aos portadores de necessidades educacionais especiais.” (ESPECIALISTA E).

Uma organização dos conteúdos foi dada pelo especialista H que refere:

A ideia seria tentar colocar os conteúdos dentro de uma mesma unidade. Pegar um bimestre e transformar em uma unidade de contextos. Por exemplo, no primeiro bimestre trabalhar os números, então, coloca junto a relação de tempo, as horas, questão de dinheiro, contas, porque você trabalha tudo num mesmo contexto. Como são muitos sinais, os alunos acabam esquecendo. O sinal do número 2, eu ensinei no primeiro bimestre e só no terceiro eu vou perguntar as horas, ele já não lembra mais. Então, eu trabalharia com unidades. Outro exemplo, trabalhar o alfabeto, nomes, os números, a idade de cada um e tudo que está relacionado com eles. Quando trabalhar saudações, você pode trabalhar dia, tempo, etc.

Depois, no segundo bimestre, trabalhar os verbos, as ações: correr, andar, perguntar. Uma outra unidade de verbos.

No terceiro bimestre, pode trabalhar a casa, a família e tudo que está relacionado à família: como os sentimentos, as pessoas da família, os espaços e os cômodos da casa: sala, cozinha, banheiro e o quarto.

No quarto bimestre, pode trabalhar vestuário que também pode ficar junto com a família. Fica melhor para você trabalhar com os exemplos.

ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS EGRESSOS

Legislação

- **Importância da disciplina Libras**

Face à primeira questão (Acha importante para um professor do ensino fundamental saber Libras? Explique), todos os egressos acham importante a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais - Libras. As respostas dos entrevistados foram:

“Sim, quando o professor sabe se comunicar em Libras, ele está apto para dar ao aluno surdo um ensino de qualidade, onde a criança irá entender o conteúdo proposto.” (EGRESSO 1).

“Sim, claro muito importante, se o professor tiver um aluno dentro de sala de aula que seja surdo ele vai estar preparado para ensinar e atender as necessidades daquele aluno.” (EGRESSO 2).

“Sim, porque é muito importante por conta da inclusão de um aluno com essa condição e também é bom ter um conhecimento a mais.” (EGRESSO 3).

“Claro que eu acho importante, precisamos aprender para estarmos preparados para enfrentar todas as dificuldades. Os alunos surdos com certeza serão incluídos nas salas de aula, precisamos aprender a Libras para entender esses alunos.” (EGRESSO 4).

“Sim, acho muito importante o professor conhecer a Libras e saber se comunicar com pessoas surdas. Acredito que seria importante também conhecer o Braille para ensinar os alunos cegos.” (EGRESSO 5).

• **Obrigatoriedade da disciplina**

Na questão dois, sobre a obrigatoriedade da disciplina no curso de formação de professores, apenas o egresso 4 não concorda totalmente que a disciplina Libras seja obrigatória no Curso de Formação de Professores. Para ele tudo pode depender de alguns fatores que foram registrados em sua fala:

Depende. Acho que deveríamos poder escolher, afinal tudo que é forçado perde a motivação. Os alunos precisam ser respeitados em suas escolhas. Eu, por exemplo, gostaria de aprender essa língua porque os alunos surdos precisam de professores preparados. (EGRESSO 4).

Os demais egressos concordam que seja uma disciplina obrigatória e explicam suas razões:

“Concordo que seja obrigatório. Se o surdo está dentro da inclusão, logo o curso que está preparando os profissionais para trabalharem com eles no futuro devem dominar a língua.” (EGRESSO 1).

“Sim, concordo, pois é útil para o dia a dia de cada pessoa. Também há muitas queixas de estudantes de pedagogia, de licenciatura e dos professores que não foram preparados para lidar com crianças com deficiência.” (EGRESSO 2).

“Eu concordo porque, quando não é obrigatório, os alunos não levam a sério.” (EGRESSO 3).

“Sim. Sendo obrigatório aprender, os alunos levam mais a sério.” (EGRESSO 5).

• **Carga horária da disciplina**

A terceira questão sobre a carga horária de 80 horas/aulas ser ou não suficiente foi muito polêmica. Os egressos tiveram dúvidas, mas a maioria achou insuficiente uma carga horária de 80 horas para a disciplina Libras.

“A Libras deve ser estudada na sua totalidade, definição, métodos, sua gramática e muito treino. A carga horária de 80 horas é insuficiente para que ela seja aprendida na sua totalidade.” (EGRESSO 1).

“Não. Acho muito pouco a carga horária, pois quanto mais você aprender sobre a matéria, precisará de mais aulas.” (EGRESSO 2).

“Não acho suficiente porque aulas de LIBRAS são maravilhosas. Gostaria de ter mais aulas. Essa língua é muito interessante!” (EGRESSO 4).

“As aulas de Libras deveriam ter a carga horária igual à língua portuguesa, afinal é uma nova língua para nós ouvintes.” (EGRESSO 5).

Só um dos respondentes considerou que “Sim, essa carga horária dá uma base para a comunicação.” (EGRESSO 3).

Contexto da formação

• Pré-requisito

Sobre a necessidade de pré-requisitos do aluno para a aprendizagem de Libras (Questão 4), os egressos afirmaram que não há necessidade de um pré-requisito para aprender a Libras.

“Somente o desejo, a força de vontade e treinamento.” (EGRESSO 1).

“O único pré-requisito é querer aprender.” (EGRESSO 3).

“Acho que todos podem aprender. Os alunos sempre demonstraram muita vontade de aprender.” (EGRESSO 4).

“Para aprender basta ter muita vontade, principalmente a Libras que é visual motora. Temos que ter muita atenção, treinar bastante e praticar com os colegas.” (EGRESSO 5).

Programa

• Conteúdos básicos necessários à formação

Em resposta à questão cinco, todos os egressos concordaram que os conteúdos básicos da disciplina Libras são os necessários à sua formação, com exceção do egresso 1, que já sabia um pouco de Libras.

• Competências desenvolvidas

Na questão seis, sobre se as atividades realizadas na disciplina Libras ajudaram a desenvolver as competências de comunicação com pessoas surdas, todos os egressos concordam que as atividades na disciplina desenvolveram muito as suas competências:

“Aprendi muito nas aulas de LIBRAS.” (EGRESSO 3).

“Consegui me comunicar com meu aluno surdo incluído. Muito bom ter participado das aulas.” (EGRESSO 4).

“Com certeza! Graças às aulas de Libras consegui entender e me comunicar com pessoas surdas. É lógico que precisei treinar mais. Aos poucos conversando com eles estou melhorando muito.” (EGRESSO 5).

• Recursos utilizados

Quanto aos recursos utilizados nas aulas (Questão 7), todos os egressos concordam que eles favoreceram a aprendizagem da disciplina Libras, tendo os egressos 3, 4 e 5 acrescentado:

“Sim consegui entender as aulas e aprender os sinais.” (EGRESSO 3).

“Os recursos utilizados favoreceram muito a aprendizagem.” (EGRESSO 4).

“Gostei muito dos recursos utilizados. Foi muito motivador.” (EGRESSO 5).

• Utilização de novas tecnologias

Sobre a importância da utilização de novas tecnologias nas aulas da disciplina Libras, apenas o egresso 1 considera que “Não é necessário! Basta querer aprender.” (EGRESSO 1).

Todos os outros egressos deram importância a essa utilização:

“Sim, vídeos aulas, computador e etc.” (EGRESSO 2).

“Claro que sim. A tecnologia nos motiva muito. Adoro quando as aulas têm uma novidade. Principalmente com vídeos, imagens, etc.” (EGRESSO 3).

“Considero importante sim. Afinal vivemos num mundo tecnológico. As aulas não podem ser mais como antigamente, ou seja, o chamado “cuspe e giz”, precisamos mudar isso.” (EGRESSO 4)

Sim. A utilização de tecnologias de última geração é importante nas salas de aulas em todas as disciplinas. É lamentável saber que o poder público não se interessa em nos proporcionar aulas assim. Os professores precisam trazer seus equipamentos para escola quando querem uma aula melhor. (EGRESSO 5).

• Sugestões e recomendações

As sugestões dos egressos para melhorar as aulas da disciplina Libras (Questão 9) foram as seguintes:

- “Mais horas do ensino de Libras e contato com pessoas surdas!” (EGRESSO 1).
- “Aumentaria a carga horária e usava mais tecnologias como os vídeos.” (EGRESSO 2).
- “Poderíamos ter mais dramatizações, aulas práticas.” (EGRESSO 3).

Dois egressos não deram sugestões:

- “Gostei das aulas, não mudaria nada.” (EGRESSO 4).
- “Apesar de poucas aulas, foram bem organizadas pela professora. Não há necessidade de acrescentar nada.” (EGRESSO 5).

• **Comunicação com alunos surdos**

Em relação ao contato e à dificuldade dos egressos na comunicação com alunos surdos (Questão 10) só o egresso 3 não tem alunos surdos. Os restantes declararam:

“Tenho. Consigo me comunicar perfeitamente.” (EGRESSO 1).

“Tenho contato com 1 aluno surdo incluído. No início tive dificuldades, mas agora já consigo me comunicar melhor com ele.” (EGRESSO 2).

“No estágio tive contato com 2 alunos surdos. Mãe e filho surdos incluídos no Ensino de jovens e adultos – EJA. Tive bastante dificuldades de me comunicar com eles, porque se isolavam muito.” (EGRESSO 4).

“Tenho alunos surdos na escola onde estou trabalhando. As aulas de Libras me ajudaram muito. Consigo conversar com eles naturalmente. Sei um pouco de Libras e eles fazem leitura labial.” (EGRESSO 5).

• **Contato e experiências com pessoas surdas**

Em resposta à Questão 11 (Que outros contatos teve com pessoas surdas? Conte suas experiências e aprendizagens) os egressos falaram um pouco das suas experiências:

Eu convivo todos os dias com pessoas surdas na faculdade, na igreja e amigos! Para mim é muito fácil a comunicação com eles. Meu dia a dia é sempre com eles. Atualmente sou intérprete de alunos surdos incluídos na escola onde sou contratada pela prefeitura do Rio. Traduzo as aulas da professora regente de língua portuguesa para a Libras e vice e versa para a professora, quando os alunos perguntam ou têm dúvidas. Faço pedagogia / Libras no INES, tenho contato com pessoas surdas lá também. Além disso, na igreja onde frequento tenho contato com pessoas surdas, eles são meus amigos. (EGRESSO 1).

Fui aluna do Instituto de Educação Rangel Pestana no ano 2014. Atualmente trabalho em uma escola da rede particular, próximo à minha casa. No ano 2015 recebi um aluno surdo. Ele estava com oito anos e ainda não sabia ler e escrever.

Fiquei muito preocupada, sem saber o que fazer, não tinha um intérprete para nos auxiliar. A escola contava com poucos recursos. Então, o que fazer? Pensei. Lembrei-me de como eram os sinais de saudações, eu havia aprendido nas aulas de Libras. Comecei fazendo o sinal “oi”, para minha surpresa, ele conhecia alguns sinais de Libras. Então, com intuição sorri para ele e fui lembrando de alguns sinais. Aos poucos fui lembrando e pesquisando mais e mais. Foi uma linda descoberta. Percebi que, apesar das minhas dificuldades,

havia aprendido muitos sinais. O ano foi passando e o menino conseguiu ter um entrosamento com os colegas e comigo. Aprendeu no seu ritmo, não como os outros, porque foi seu primeiro ano numa escola regular. A alegria demonstrada no rosto do menino não tem preço. Não tive contato com outras pessoas surdas. (EGRESSO 2).

“Tenho um primo surdo. Costumo conversar com ele sem dificuldades, vamos para festas, shopping, praias, em todos os lugares juntos.” (EGRESSO 3).

“Tive apenas o contato com os alunos no estágio. Atualmente não tenho contato com pessoas surdas.” (EGRESSO 4).

Meu contato com pessoas surdas é somente na escola onde trabalho. Tenho alunos surdos. Trato todos de forma bem igual, embora tenha consciência da condição diferente deles. Sempre que explico os conteúdos das aulas, tento, depois, dar mais exemplos em Libras para eles. Assim, quando eles não entendem, sabem que eu vou explicar outra vez. Na sala, os próprios alunos tentam ajudar. Muitos já sabem alguns sinais de Libras. Isso facilita bastante. Eles convivem com os colegas surdos muito bem, brincam juntos, merendam etc. Meus alunos me ajudaram a perceber que todos são diferentes sim, iguais perante a Deus e que todos podem aprender, respeitando seus limites, ritmos e diferenças. (EGRESSO 5).

ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ESTUDANTES CONCLUINTE

A autora analisou a questão número cinco do questionário aplicado aos estudantes concluintes sobre se gostariam de mudar ou acrescentar atividades, estratégias e recursos para melhorar as aulas. Os alunos tinham duas opções de resposta: assinalar *sim* ou *não*; se assinalassem **Sim** deveriam indicar as mudanças sugeridas. De fato, quer com a resposta **Sim**, quer com a negativa, houve alunos que não escreveram nada e outros que deram sugestões ou fizeram comentários. Por isso é apresentada, na Tabela 6, a contabilização das respostas **Sim** e **Não**, com e sem comentários. Foram também elaboradas duas listagens de comentários/sugestões, uma relativa às respostas **Sim** e outra às respostas **Não**.

Respostas	Com recomendações	Sem recomendações	Total
Sim	57	2	59
Não	21	63	84
Total	78	65	143

Tabela 6– Respostas à questão 5 do questionário aplicado aos estudantes concluintes

Fonte: A autora (2017).

São muito diversificadas as sugestões feitas pelos 57 estudantes concluintes

que responderam **Sim**. As falas mais numerosas dizem respeito a uma intensificação da utilização de TIC, e um aluno sugere passar a ter conhecimento dos recursos tecnológicos assistivos existentes.

O contato com pessoas surdas também é apontado como necessário por muitos estudantes que gostariam de ter experiências diretas de comunicação com pessoas surdas como, por exemplo: “estágios em salas de aulas com alunos surdos incluídos”, “convidar pessoas surdas para participarem das aulas”, “sair com a turma para lugares onde poderíamos viver momentos com pessoas surdas” e “visitar instituições com surdos incluídos”. Também foi sugerido por um aluno trazer para a aula outros especialistas na área da surdez.

Os alunos também consideram muito importante o trabalho com as expressões faciais e corporais e um aluno refere que esse trabalho é necessário para “romper com a timidez”. A prática de Libras deveria ser intensificada, segundo alguns, pois deveria haver “mais momentos para apresentação dos sinais que aprendemos anteriormente”.

Relativamente ao currículo do curso, foi sugerido “a ampliação da carga horária das aulas de Libras”, “para que tivéssemos mais atividades, conceitos e gestos a serem aprendidos”. Alguns alunos consideram que “esta disciplina deveria começar nos anos iniciais do curso normal” e apontam formas alternativas de aprofundar a aprendizagem: “criar projetos escolares para que os alunos possam se comunicar com deficientes, isso seria uma forma de inclusão social”.

Dos 84 estudantes concluintes que responderam **Não** à pergunta cinco, 21 quiseram explicar a sua resposta. As justificativas para não desejarem mudar as atividades da disciplina são bem expressivas daquilo que mais lhes agradou: “acho a aula bastante recheada de atividades para aprendermos”; “a professora traz bastantes coisas que despertam o interesse”; “gosto do jeito que aprendemos”; “acho que tudo o que aprendemos já nos capacita bastante”; “nós temos bastante trabalhos práticos as aulas favorecem a aprendizagem”.

Sobre o mundo da surdez, embora seja dito que “na sala consigo entender bastante o universo do aluno surdo”, também é referido que “as aulas são ótimas, só queria que trouxesse pessoas surdas”.

A autora selecionou uma experiência de uma estudante concluinte, registrada e anexada ao questionário aplicado em sala e que constitui um depoimento do vivido por ela na sua aprendizagem de Libras:

Eu estudava no Instituto de Educação desde o primeiro ano, mas no 3º ano a escola foi ocupada pelos alunos, alguns professores aderiram à greve, parecia um caos. Então minha mãe e eu resolvemos mudar de escola. Fiquei com medo de não conseguir concluir o ano letivo. Quando cheguei à nova escola, percebi que era bem diferente das experiências que eu estava

acostumada a viver com meus antigos colegas no Instituto, principalmente nas aulas de Libras. Lá só tinha a parte teórica da disciplina. A professora da nova escola, perguntou o que eu havia aprendido na disciplina Libras. Falei que aprendi fazer alguns sinais, ela ficou surpresa. Pediu então, que eu apresentasse alguma coisa e mostrasse alguns sinais. Quando demonstrei o que sabia, ela e os colegas da turma ficaram impressionados. Decidi pedir minha transferência de volta para o Instituto e contei este fato a minha professora.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

CONCLUSÕES

Este estudo que contou com a valiosa participação de oito especialistas, cinco egressos e de 143 estudantes concluintes do curso de formação de professores, foi norteado pelas seguintes questões avaliativas:

- Até que ponto os conteúdos do programa da disciplina Língua Brasileira de Sinais são adequados ao desenvolvimento das competências básicas em Libras, necessárias à formação dos futuros docentes?
- Até que ponto as estratégias e os recursos propostos no programa facilitam a aprendizagem dos conteúdos básicos de Libras?

Em relação à primeira questão avaliativa, pode-se retirar a conclusão de que os especialistas consideraram os conteúdos do programa adequados ao desenvolvimento das competências básicas em Libras, como demonstram as suas falas. Todos os especialistas são de opinião que o programa foi bem elaborado e que tem uma boa organização. Segundo suas falas nas entrevistas, o programa, com os conteúdos práticos básicos selecionados pela autora e professora da disciplina Libras, do Curso de Formação de Professores do IERP, contribui positivamente para desenvolver as competências necessárias à formação dos futuros docentes, ou seja, para iniciar uma conversação com alunos surdos, utilizando a língua brasileira de sinais. Os especialistas entenderam que o conteúdo selecionado é apenas básico e que existem outros conteúdos, para os alunos aprenderem futuramente, melhorando a agilidade na execução de sinais e a fluência da língua.

Foi perguntado à autora, por um dos especialistas como os alunos terminam o ano letivo, após o 3^a ano e o término deste programa. A autora aproveitou para explicar que o objetivo mínimo a atingir é que os alunos consigam, ao final do 3^o ano, saudar os outros, apresentar-se, dizendo seus nomes, suas idades, seus números de telefones fixos e celulares, seus endereços, inclusive endereço eletrônico, utilizando os sinais de Libras. Para, além disso, espera-se que eles consigam também, reconhecer as ações do cotidiano escolar, tais como: entender/ não entender; gostar/ não gostar; estudar, repetir; explicar, etc. A aprendizagem da execução dos movimentos dos sinais e o entendimento dos mesmos (leitura), ajudarão o professor regente a compreender seus alunos e assim contribuir para o processo de aprendizagem. Os alunos do Curso de Formação de Professores, ao final do ano letivo, quando apresentam pequenos textos utilizando sinais de Libras, superam as expectativas da professora, mostrando ter ido além dos objetivos mínimos da aprendizagem.

Os egressos concordam que o programa elaborado foi muito importante para contatar com pessoas surdas e com alunos surdos incluídos. Para eles, a aula da disciplina Libras foi o primeiro contato com a nova língua e determinante para que conseguissem se

comunicar com pessoas surdas, seja na escola ou em outros espaços, ainda que tenham apresentado, inicialmente, alguma dificuldade. Só um dos egressos não valorizou muito a seleção dos conteúdos básicos práticos do programa, visto que já tinha um conhecimento anterior de Libras.

De forma resumida, podemos retirar a conclusão que todos os especialistas são de opinião que o programa foi bem elaborado, que tem uma boa organização e que pode desenvolver as competências para a comunicação com pessoas surdas.

Os estudantes concluintes também consideram que o programa elaborado contribui favoravelmente para desenvolver as competências necessárias à comunicação entre surdos e ouvintes, melhorando a formação docente.

Relativamente à segunda questão avaliativa, os especialistas valorizaram muito positivamente as estratégias e os recursos utilizados. Todos concordam com a forma como foram organizados, tendo afirmado que eles contribuem para a aprendizagem, pelos alunos, dos conteúdos básicos selecionados no programa. Afirmam que trabalhar os conteúdos de forma lúdica e dinâmica, estimula o desejo e desperta o interesse dos alunos. Segundo eles, trabalhar utilizando como estratégias músicas, poesias, dramatizações e histórias infantis é muito motivador. A maioria dos especialistas também disse que costuma utilizar em suas aulas as mesmas estratégias e sugerem ainda ampliar o trabalho com dramatizações, para que os alunos possam desenvolver as expressões faciais e corporais.

Os egressos também concordam com as estratégias e os recursos utilizados. Tal como os especialistas, também sugerem ampliar o trabalho com atividades expressivas e lúdicas. Um dos especialistas disse com muita ênfase: “Eles adoram o lúdico!” Um dos egressos ressaltou: “Gostei muito dos recursos utilizados. Foi muito motivador”.

Quanto aos recursos, os especialistas, disseram que a utilização de novas tecnologias, principalmente tecnologias assistivas, para educação de pessoas surdas é primordial. Segundo suas falas, atualmente a tecnologia digital está presente na vida das pessoas o tempo todo. Podemos saber o que se passa no mundo, em apenas um minuto. A velocidade com que as informações chegam até nós, é cada vez mais impressionante. Não podemos ficar alheios a tudo isso, precisamos utilizá-las a nosso favor, de forma seletiva e responsável. Um dos especialistas falou: “Eles são usuários do *WhatsApp*, *facebook*, aplicativos, etc.”

A maioria dos egressos também concordou que a utilização de novas tecnologias pode favorecer e melhorar a aprendizagem dos alunos em formação. Temos que inserir estes recursos em nossas aulas. Até mesmo porque os alunos da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental estão conectados. Os pequenos alunos têm uma agilidade para lidar com aparelhos celulares, *tablets* e até mesmo com os computadores. Na experiência, ainda bem recente, dos egressos com esta faixa etária mostrou segundo

suas falas, que as aulas se tornam mais atrativas com a utilização destes recursos.

As conclusões podem ser resumidas da seguinte forma: os especialistas valorizaram as estratégias e os recursos utilizados nas aulas da disciplina Libras, pois concordam que trabalhar os conteúdos de forma lúdica e dinâmica estimula o desejo de aprender, desperta o interesse dos alunos e contribui para efetivar a aprendizagem. Os egressos e os estudantes concluintes também concordam que as estratégias e os recursos utilizados contribuem positivamente para o desenvolvimento das suas competências e, tal como os especialistas, sugerem ampliar o trabalho com atividades expressivas e lúdicas.

RECOMENDAÇÕES DOS ESPECIALISTAS

Apesar de todos os especialistas terem apreciado positivamente o programa, o estudo avaliativo trouxe outras perspectivas e visões que dão à autora contributos para possíveis revisões do programa.

- a) De uma forma geral:

A perspectiva participativa

Foi sugerido, por um dos especialistas, elaborar o programa da parte prática da disciplina Libras com a participação dos próprios alunos. Para ele, a participação dos alunos pode melhorar muito o interesse dos mesmos nas aulas. Eles são os mais interessados em aulas dinâmicas, prazerosas e que garantam a aprendizagem. A sugestão deste especialista foi muito convincente, sua expressão era de muito entusiasmo quando disse: “O programa que você elaborou está muito bom. Talvez deva organizá-lo junto com a turma, um planejamento participativo. Os alunos têm ótimas sugestões. Poderá aproveitar situações de vida, do contexto dos alunos”.

A organização por unidades

Outro especialista, sugeriu organizar a seleção dos conteúdos práticos básicos da disciplina Libras por unidades: “o aluno aprende melhor quando faz relação dos conteúdos por alguma afinidade, como por exemplo: números, horas, idades, dinheiro, etc.” Seriam, segundo ele, quatro unidades de conteúdo, uma em cada bimestre do ano letivo. Os conteúdos seriam organizados por alguma semelhança. Explicou que ensinar números, por exemplo, no primeiro bimestre e só no terceiro ou no quarto bimestre ensinar horas, pode ser uma perda de tempo. Segundo este especialista o aluno já pode ter esquecido como fazer o sinal do número (movimento e forma). Os alunos aprendem e fixam melhor quando os conteúdos, no caso os sinais de Libras, têm uma sequência, uma relação ou semelhança.

b) Relativamente aos conteúdos:

Foi sugerido acrescentar o conteúdo Lateralidade e ampliar as atividades com expressões faciais e corporais (conhecimento corporal). Segundo a sugestão do especialista, estes conteúdos podem ser acrescentados para que alunos tenham motivação e se sintam mais preparados para aprenderem os sinais de Libras. Em sua fala, considerou muito importante incluir estes conteúdos:

“Considero importante um trabalho anterior, como por exemplo, trabalhar a lateralidade, a expressão facial e corporal, enfim o conhecimento corporal, desde a infância. Quanto mais cedo trabalharmos o conhecimento corporal, mais fácil será para apropriar-se de Libras.” (ESPECIALISTA D).

c) Relativamente às estratégias:

Como estratégias, os especialistas sugeriram ampliar o trabalho com dramatizações para trabalhar com mais qualidade o conteúdo, o conhecimento corporal, ou seja, as expressões faciais e corporais. As expressões faciais e corporais têm um significado muito importante na língua de sinais, são considerados um dos parâmetros da língua brasileira de sinais. Através das expressões podemos transmitir os sentimentos e emoções. As diferentes expressões podem significar amor, alegria, tristeza, surpresa, saudade, raiva, desdém, além de transmitir ideias e fatos.

d) Relativamente aos recursos:

Os especialistas e egressos sugeriram, além de ampliar a utilização de novas tecnologias, utilizar também materiais didáticos, como: livros, CDS, jogos, principalmente, os materiais elaborados e confeccionados pela Editora Arar Azul, o livro e o CD da FENEIS.

Em especial, o especialista E recomendou, para sensibilizar e motivar os alunos no início das aulas, o trabalho com o livro O menino Diferente, de Paula Werneck.

e) Relativamente ao contato com os surdos:

A principal ênfase foi posta no contato direto com pessoas surdas, seja na própria sala de aula, em espaços sociais e nas comunidades surdas. Todos os especialistas e egressos recomendam este contato para facilitar a aprendizagem dos sinais, a sua fluência e a agilidade da língua, favorecendo a comunicação entre surdos e ouvintes. Os especialistas alertaram para a importância do contato com pessoas surdas, visto que toda nova língua aprendida, seja brasileira, ou estrangeira, desenvolve-se muito mais na prática e no contato com pessoas usuária da mesma.

RECOMENDAÇÕES DOS EGRESSOS

Tal como os especialistas, os egressos também sugerem ampliar o trabalho e as atividades com expressões faciais e corporais. Eles enfatizam que trabalhar os conteúdos

com atividades lúdicas é, de fato, muito motivador.

Também concordam como já foi assinalado anteriormente, com a utilização de novas tecnologias, para facilitar a aprendizagem dos sinais, seus movimentos corretos, a orientação e direção dos mesmos. Os vídeos demonstrativos, de autoria do INES, foram elogiado

RECOMENDAÇÕES DOS ESTUDANTES CONCLUINTE

As sugestões dos estudantes concluintes concentram-se em quatro grandes áreas:

a) O contato com surdos

Assim como os especialistas e os egressos, os estudantes concluintes registraram no questionário que o contato com pessoas surdas é fundamental para aprendizagem de Libras. É inquestionável que o contato dos ouvintes com pessoas surdas contribui de forma positiva para a aquisição da língua de sinais. Segundo Gesser (2009, p. 75-76), "Todo aluno participante de um curso formal de aprendizagem de Libras tem também de ter a oportunidade de interagir com outros surdos para além das paredes da sala de aula".

Os alunos em seus registros deram como sugestões:

- "ter estágios em salas de aulas com alunos surdos incluídos"
- "visitar instituições com surdos incluídos"
- "convidar pessoas surdas para participarem das aulas"
- "trazer especialistas na área da surdez"
- "sair com a turma para lugares onde poderíamos viver momentos com pessoas surdas"
- "trazer pessoas surdas, assim nos comunicaríamos com eles"
- "ter experiências diretas com pessoas surdas"
- "criar projetos escolares para que os alunos possam se comunicar com deficientes, isso seria uma forma de inclusão social"

b) O trabalho com a expressão facial e corporal

Os alunos perceberam que, para aprendizagem de Libras, é muito importante o trabalho com as expressões. Dedicar mais horas a estas atividades poderá desenvolver, nos alunos, a sensibilização para perceber emoções e sentimentos, além de possibilitar trabalhar a timidez apresentada por alguns alunos.

c) A utilização de mais recursos tecnológicos

A utilização de mais recursos tecnológicos foi um dos destaques nos registros dos estudantes concluintes. A maioria deles registrou no questionário a seguinte frase: mais recursos tecnológicos assistivos. “A tecnologia assistiva é um novo termo que designa todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e, conseqüentemente, promover a vida independente e a inclusão.” (SARTORETTO; BERSCH, 2017).

d) Maior carga horária da disciplina

Em relação à carga horária, ainda que não seja possível ampliá-la oficialmente, pode-se sugerir aos demais professores que trabalham com as disciplinas pedagógicas no Curso de Formação Professores, um trabalho integrado. Este trabalho, em regime de colaboração, pode ser iniciado nas duas primeiras séries do curso. Podem ser introduzidas atividades que envolvam o trabalho com dramatizações ou outras estratégias que trabalhem as expressões faciais e corporais. Existem disciplinas no curso, como a Educação Especial, que podem colaborar. O objetivo é trabalhar a sensibilização e a percepção visual dos alunos, para facilitar a aprendizagem da LIBRAS no 3º ano do Curso. Estas frases, registradas pelos alunos, confirmam a preocupação com a carga horária:

- “esta disciplina começar nos anos iniciais do curso normal”
- “aumentaria a carga horária para que tivéssemos mais atividades, conceitos e sinais a serem aprendidos”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto que a parte teórica da disciplina Libras está detalhada no currículo mínimo facultado pela Secretaria Estadual de Educação, em que são indicadas habilidades e competências a adquirir e conteúdos de aprendizagem, não existe essa especificação relativamente à parte prática. A partir das experiências da autora como professora da disciplina Libras no Curso de Formação de Professores e o referido currículo mínimo, a autora elaborou o programa da vertente prática, incluindo conteúdos básicos e estratégias de ensino.

Nas pesquisas realizadas pela autora não foi encontrada nenhuma avaliação de programas referente ao ensino prático de Libras, na formação docente, constatação que foi confirmada pelos especialistas entrevistados. Este estudo avaliativo do programa dos conteúdos práticos de Libras vem preencher esta lacuna. É também seu intento contribuir para a melhoria do ensino da disciplina, no que diz respeito ao desenvolvimento das competências dos futuros docentes em comunicar com pessoas surdas e, conseqüentemente, facilitar a inclusão das mesmas.

Em função do estudo realizado e no âmbito da sua docência, a autora propõe-se a acrescentar o conteúdo lateralidade e ampliar as atividades com expressões faciais e corporais nas aulas da disciplina Libras, de forma lúdica e contextualizada.

O contato direto com pessoas surdas, seja na própria sala de aula ou em visitas, recomendado por todos os especialistas e os egressos entrevistados, vai também ser uma estratégia a aprofundar, visto que este contato com pessoas surdas é fundamental para aprendizagem de Libras.

A maior utilização de novas tecnologias, assim como a utilização de tecnologia assistiva destinada à educação dos alunos surdos é também uma prioridade a atender. Contudo, uma das grandes dificuldades encontrada pela autora nas aulas da disciplina Libras é a falta de recursos tecnológicos e de uma sala de aula equipada. Para fazer face a esta dificuldade, a professora leva habitualmente para a aula os seus próprios equipamentos, para tornar as aulas de Libras mais atrativas e eficazes, pois esta língua é visual motora. As aulas da disciplina Libras podem melhorar em qualidade com a utilização de recursos simples, como uma televisão e computadores com entrada USB, *datashow* e outros. Também é necessário material didático para os alunos trabalharem, como livros e CDs.

Mesmo perante as dificuldades com o espaço oferecido, com a falta de recursos e da tão sonhada valorização do magistério, ainda assim, o objetivo da autora é melhorar as aulas da disciplina, facultando uma formação de melhor qualidade aos futuros docentes. Os resultados podem ser ainda melhores se alguns recursos tecnológicos forem postos à sua disposição.

CONTRIBUIÇÃO DO ESTUDO AVALIATIVO

A contribuição deste estudo avaliativo para a prática pedagógica da autora, enquanto professora da disciplina Libras, do Curso de Formação de Professores, é infinitamente positiva. A possibilidade de oportunizar a participação dos próprios estudantes concluintes na elaboração do programa continua sendo considerada. Além disso, o estudo sugere e recomenda outras formas de organização dos conteúdos básicos práticos, contribuindo efetivamente para a inclusão de pessoas surdas no contexto educacional, na vida social e no mercado de trabalho.

O trabalho realizado e a participação nas aulas durante o mestrado foi observado pela maioria dos professores e da Direção da Faculdade Cesgranrio, onde atualmente a autora é professora da disciplina Língua Brasileira de Sinais nos Cursos de Pedagogia e Licenciatura em Teatro (disciplina obrigatória) e nos Cursos Recursos Humanos e Gestão de Avaliação (disciplina optativa).

Este estudo avaliativo continua motivando pesquisas sobre o assunto. Foi à inspiração para elaboração do Projeto de doutoramento, admitido em julho de 2020, em Ciências da Educação, Especialidade Tecnologia Educativa pela Universidade do Minho, em Portugal.

O programa da disciplina Libras poderá ser reavaliado e reconstruído de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio que começou a ser implementado nas unidades da rede estadual. Espera-se que os gestores das instituições de ensino da rede estadual ofereçam tempo e espaço aos professores e aos alunos para que o assunto seja discutido.

REFERÊNCIAS

- BAGAROLLO, Maria Fernanda; FRANÇA, Denise Maria V. R. (Org.). *Surdez, Escola e Sociedade reflexões sobre fonoaudiologia e Educação*. Rio de Janeiro: Wak, 2015.
- BENACHIO, Marly das Neves. *Como os professores aprendem a ressignificar sua docência?*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BERNARDINO, Eliidea Lucia. *Absurdo ou lógica?: a produção linguística do surdo*. Belo Horizonte: Editora Profetizando Vida, 2000.
- BIKLEN, Sari; BOGDAN, Robert. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cf205a214.htm>. Acesso em: 26 set. 2015.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art.18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 27 de set. 2015.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 27 de set. 2015.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 27 de set. 2015.
- BRUNER, Jerome S. *Uma nova teoria da aprendizagem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1976.
- CHIANCA, Thomaz. Avaliando Programas Sociais: conceitos, princípios e práticas. In: CHIANCA, Thomaz; MARINO, Eduardo; SCHIESARI, Laura. *Desenvolvendo a cultura de avaliação em organizações da sociedade civil*. São Paulo: Global, 2011.
- DRABACH, Neila Pedrotti et al. Uma discussão sobre o currículo a partir de Tyler. *Partes*, São Paulo, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/tyler.asp>>. Acesso em: 28 jan. 2017.
- FELIPE, Tanya A. Políticas públicas para inserção da LIBRAS na educação de surdos. *Revista Espaço: Informativo Técnico Científico do INES*, Rio de Janeiro, n. 25-26, p. 33-47, jan./dez. 2006.
- FERNANDES, Eulália. *Surdez e Bilinguismo*. 5. ed. Porto Alegre: Editora mediação, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- GESSER, Audrei. *LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da Língua Brasileira de Sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GRUPO ESCOLAR RANGEL PESTANA (Nova Iguaçu). Decreto nº 2676, de 17 de novembro de 1931. Tabela de novas designações de grupos escolares. *Diário Oficial de Nova Iguaçu*, 18 nov. 1931.

HONORA, Marcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO RANGEL PESTANA (Nova Iguaçu). Decreto nº 2027, de 10 de agosto de 1968. O grupo escolar Rangel Pestana foi unificado o Instituto de Educação de Nova Iguaçu tornando-se então o Instituto de Educação Rangel Pestana. Nova Iguaçu, RJ: IERP, 1968.

KITZMANN, Dione; ASMUS, Milton. Ambientalização sistêmica do currículo ao socioambiente. *Currículo Sem Fronteiras*, [S.l.], v.12, n. 1, p. 269-290, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2360/ambientaliza%c3%87%c3%83o%20sist%c3%8amica.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1991.

LIMA, Camila M. *Educação de surdos: desafios para a prática e formação de professores*. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

MAHEIRIE, Kátia. *Agenor no Mundo: um estudo psicossocial da identidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

MARCELINO, Paulo. *O lúdico na educação infantil: um estudo das competências necessárias ao professor na contemporaneidade*. 2015. Dissertação (Mestrado) –Instituto de Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2015. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6918/Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia Científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar. O que é? Por quê? Como fazer?* 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

_____. *O desafio das diferenças nas escolas*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MÍMICA. In: *Dicionário Online De Português*. 2017. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/mimica/>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. *Surdos: educação, direito e cidadania*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

PAIVA, Olga Marinho. Instituto de Educação Rangel Pestana: lugar de memória e tradição na formação docente em Nova Iguaçu. *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*, Belford Roxo, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, 2014.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e entidades surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). *Currículo Mínimo*. 2013. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=374757>>. Acesso em: 27 set. 2015.

_____. Decreto nº 44.716 de 07 de abril de 2014. Confere nova redação ao decreto nº 44.281, de 01 de julho de 2013, que estabelece programas para o aprimoramento e valorização dos servidores públicos da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro - SEEDUC e determina outras providências. *Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 8 abr. 2014.

SARTORETTO, Mara Lúcia; BERSCH, Rita. O que é Tecnologia Assistiva?. *Assistiva: Tecnologia e Educação*. 2017. Disponível em: < <http://www.assistiva.com.br/tassistiva.html>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

TYLER, Ralph Winfred. *Princípios Básicos de Currículo e Ensino*. Porto Alegre: Globo, 1976.

WORTHEN, Blaine R.; SANDERS, James R.; FITZPATRICK, Jody L. *Avaliação de programas: concepções e práticas*. São Paulo: Editora Gente, 2004.

SOBRE A AUTORA

CONCEIÇÃO COSTA LEITE BATALHA - Doutoranda em Ciências da Educação, Especialidade Tecnologia Educativa pela Universidade do Minho, em Portugal; Mestre em Avaliação pela Faculdade Cesgranrio; Pós-graduada (lato sensu) em Psicopedagogia e Graduada em Pedagogia pelo Centro de Ciências Humanas e Sociais do Instituto Isabel, Pós-graduada (lato sensu) em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Integrada de Jacarepaguá (FIJ). Atuou como professora nas séries iniciais do ensino fundamental na escola Doméstica Maria Raythe da rede católica de ensino; foi supervisora do ensino médio no Centro Educacional Nossa Senhora Aparecida (CENSA) da rede católica de ensino; foi professora das séries iniciais do ensino fundamental do município de Queimados; atendeu a alunos especiais em sala de recursos na rede estadual; foi orientadora pedagógica, educacional e diretora na rede estadual; articuladora dos Conselhos Escolares, implementadora pedagógica e Secretária do Conselho Municipal de Educação (CME) na Secretaria Municipal de Educação de Queimados. Atualmente é professora da disciplina da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na Faculdade Cesgranrio e no Curso de Formação de Professores da rede estadual; implementadora pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Queimados (SEMED) atende a alunos surdos no Centro de Educação Especializado de Queimados (CAEEQ) e é psicopedagoga na Fundação Amélia Dias (FAMAD).

A formação docente:

um estudo avaliativo do
programa da disciplina Libras

-  www.atenaeditora.com.br
 -  contato@atenaeditora.com.br
 -  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 -  www.facebook.com/atenaeditora.com.br
-

A formação docente:

um estudo avaliativo do
programa da disciplina Libras

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br
